

DIÁRIO
DE NATAL

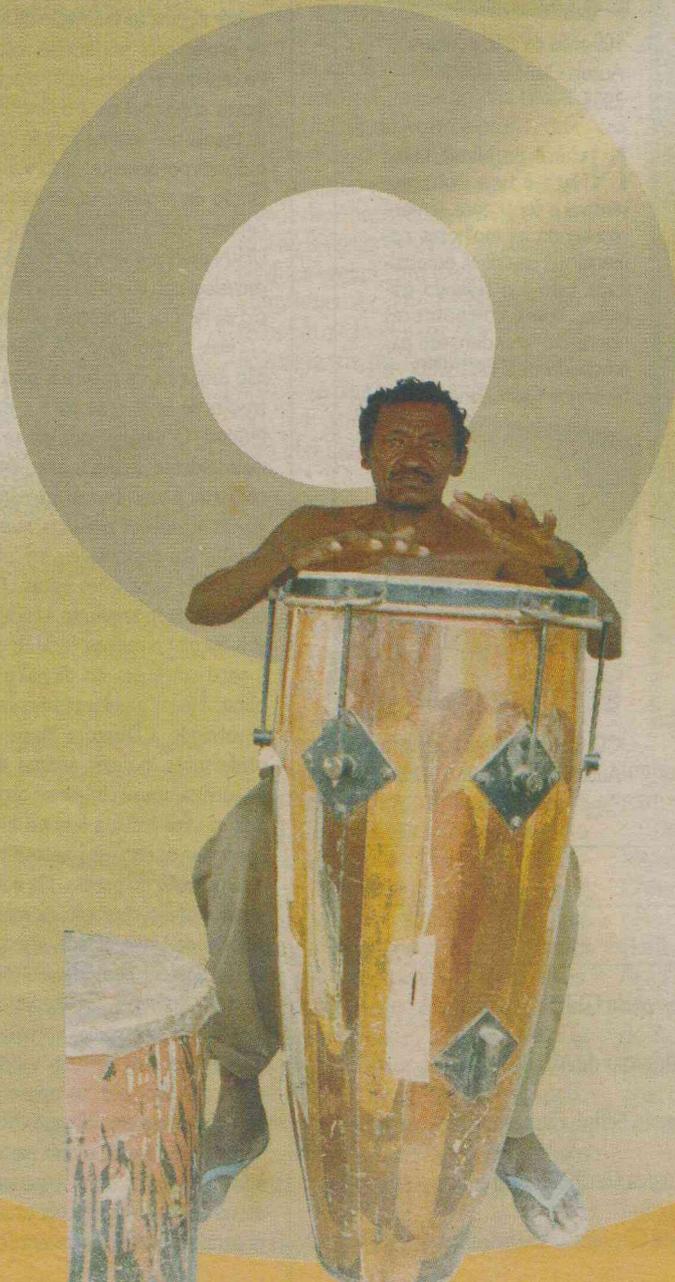


EDUCAÇÃO

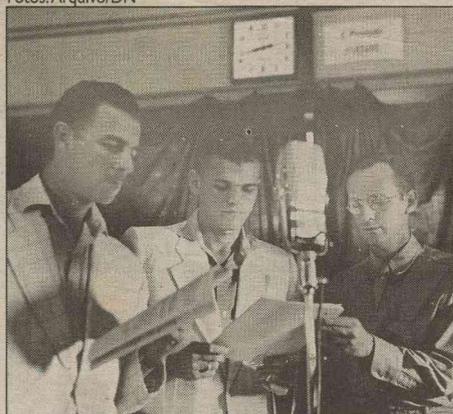


NATAL, OUTUBRO/NOVEMBRO DE 2006 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

A MÚSICA DO RN E SUA HISTÓRIA-I



Fotos: Arquivo/DN



Esta edição do DN Educação pretende ampliar a discussão sobre a história da música no Rio Grande do Norte, desde os primeiros rituais dos índios e dos negros, até a chegada do europeu e a formação de uma música genuinamente brasileira. Pesquisamos as primeiras iniciativas no Teatro Carlos Gomes (Alberto Maranhão), a primeira *Eschola de Musica*, o Instituto de Música e depois a Escola de Música da UFRN, ampliando o olhar para as bandas, corais e Orquestra Sinfônica do Estado que tem realizado concertos educativos junto a estudantes e periferia de Natal, contando com o importante apoio do Governo do Estado. A idéia é que esta publicação sirva de ferramenta de sala de aula para o estudo deste forte veículo de comunicação que se chama música. Priorizamos personagens, fatos e acontecimentos que contribuíram para a construção dessa rica história, mas, nem de longe, imaginamos ter esgotado o tema. Ainda há muito o pesquisar e escrever, por isso, brevemente publicaremos a segunda parte deste trabalho.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Geral:
Albimar Furtado
Promoções e Projetos Especiais
Afonso Laurentino Ramos
Editor do DN Educação:
Francisco Francerle
Reportagens
Adriana Amorim e Gabriela Freire
Revisão
Francisco Francerle
Diagramação
Silvana Belkiss
Telefone: 4009.0192
francerle@diariodenatal.com.br

ORELHA DE LIVRO

O Teatro Alberto Maranhão, ponto de convergência da cultura e da história do povo potiguar, é a história viva de nossa arte. O TAM possibilitou o surgimento de uma dramaturgia potiguar, abrindo as cortinas para o talento de autores, atores e encenadores locais. Neste livro, o professor e historiador Cláudio Galvão resgata a memória do teatro Alberto Maranhão, antes chamado de Teatro Carlos Gomes. Foi nesse teatro que a música e os seus precursores deram seus primeiros passos. Em suas páginas, pulsam pessoas, épocas, idéias e emoções tão vivas quanto devem ser a história e a cultura de um povo.



"Audiência de um tempo vivido"
Autor: Eider Furtado
Ed. do autor: 2004

O Rio Grande do Norte que há muito conhece e respeita o advogado Eider Furtado de Mendonça e Menezes, agora tem a oportunidade de reconhecer sua vertente literária e seu trabalho como radialista da Rádio Educadora de Natal (REN), que antecedeu a atual rádio Poti. Neste livro, Eider revela as suas memórias nos últimos 50 anos. Mostra a sua decisiva atuação na implantação da radiofonia local, onde foi homem de sete instrumentos. Pela sua militância na imprensa, inclusive esportiva, somente por isso Eider já teria um lugar assegurado na galeria dos vultos do Rio Grande do Norte.

O Dicionário da Música do Rio Grande do Norte contém a memória da Música Potiguar com seiscentos verbetes de músicos, catalogados por nome artístico, com discografia, musicografia e filmografia; são talentos conhecidos e desconhecidos no cenário nacional. Foram catalogadas mais de treze mil músicas: entre elas, composições locais gravadas por músicos da terra e de outros Estados, além de composições de músicos de outros Estados gravadas pelos artistas locais, e registradas em quase dois mil discos existentes no Acervo da Música Potiguar.

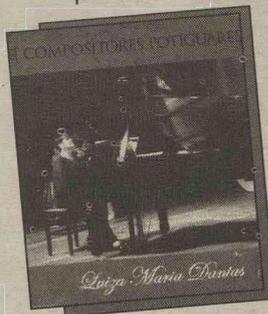


O Dicionário da Música do Rio Grande do Norte
Autora: Leide Câmara
Ed. do autor: 2001



100 anos de arte e cultura"
Autor: Cláudio Galvão
2005

Natural de Natal, Luiza Maria é uma intérprete sensível e consciente, sempre recebendo os melhores comentários da crítica especializada. Este é o segundo trabalho sobre compositores norte-rio-grandenses, patrocinado pela FARN/ED e Henrique Castriciano.

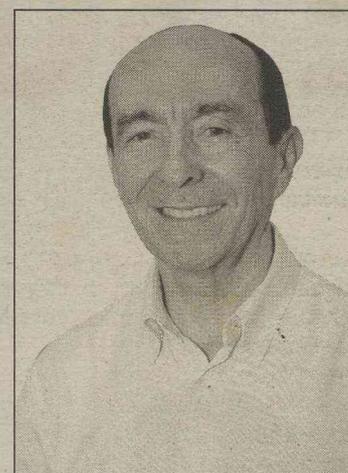


CD Compositores Potiguares II
Autora: Luiza Maria Dantas
Pano-solo

DEPOIMENTO DALADIER CUNHA LIMA

Ação pela música

Assim que assumi o cargo de Reitor da UFRN, encontrei a Escola de Música funcionando em precárias instalações, em prédio localizado à rua Mipibu. Sentia-me constrangido quando ia assistir alguma apresentação de alunos ou de professores nas antigas instalações. Percebi que era necessário oferecer melhores condições para o funcionamento da Escola, que sempre contou com dedicado corpo docente, não somente na função de professores, educadores, mas também como ótimos artistas. Assim, a UFRN precisava valorizar mais o trabalho daquele grupo, que tinha uma história dentro da história da própria Universidade.



Mas, o que fazer? A Universidade não dispunha de recursos para a construção de uma sede para a Escola de Música. O desafio cada dia se tornava mais evidente. Então, tomei a decisão de construir a nova Escola até para prestigiar as atividades artísticas, que sempre ficaram em desvantagem na UFRN, no tocante às instalações físicas. Convidei um renomado arquiteto, Ubirajara Galvão, escolhi o melhor local do Campus e parti em busca do dinheiro para as obras. Muitas reuniões foram realizadas, envolvendo a Diretora Maria Eugênia, professores, músicos, artistas e a equipe técnica, até se chegar ao projeto definitivo. Foi árdua a luta no MEC para conseguir os recursos necessários para a construção do prédio. Há que se ressaltar o apoio recebido de muitos servidores da Universidade, principalmente do pessoal que lidava diretamente com obras físicas. Certo dia, os trabalhos foram interrompidos para que alguns professores fizessem uma apresentação musical para os operários. Ao final, disse para eles: "O que vocês estão construindo é uma escola para ensinar música, parecido com o que acabaram de ver e ouvir. Esta escola estará aberta para todos, indistintamente".

Na véspera de passar o cargo ao novo Reitor, inaugurei, em 27/05/1991, a nova Escola de Música da UFRN, um belo prédio com mais de 4000m², com excelente auditório, salas de aula, salas especiais para o ensino de música, biblioteca, e muitos outros ambientes adequados e funcionais. Os que conhecem as escolas de música do Brasil dizem que o prédio da Escola de Música da UFRN é o melhor do país, o que constitui um orgulho para o Rio Grande do Norte.

Muito repercutiu a edificação desse prédio. Primeiro, para o ensino da música na própria UFRN, que hoje conta com o curso de bacharelado. Segundo, para o crescimento da arte musical do Estado, pela influência positiva que desempenha a Escola de Música em âmbito que vai muito além do espaço universitário. E terceiro, pela quebra de paradigmas, com a arte sendo igualada a qualquer atividade dentro da UFRN, ocupando um dos prédios mais bonitos do Campus e localizado em área privilegiada. Tenho satisfação em dizer que a edificação do novo prédio da Escola de Música da UFRN representa minha principal vaidade quando rememoro o tempo em que exerci o cargo de Reitor da Universidade.

AGRADECIMENTOS

- ✓Ao advogado Eider Furtado
- ✓Ao pesquisador e historiador Claudio Galvão
- ✓À professora Luiza Maria Dantas
- ✓Ao professor Daladier Cunha Lma
- ✓À Fundação José Augusto
- ✓A Escola de Música da UFRN
- ✓Ao Instituto Waldemar de Almeida
- ✓Ao projeto conexão Felipe Camarão
- ✓À Oficina de Música Garibaldi Romano
- ✓A escritora Leide Câmara



ENTREVISTA LUIZA MARIA DANTAS

Ele ama Frederic Chopin de coração, mas prefere gravar os conterrâneos da terra. Ela é bairrista de coração, é potiguar de corpo e alma e, por isso mesmo, não aceita o fato de a nossa mídia e até o Poder Público priorizar o músico de fora, quando, muitas vezes, a nossa música local tem até mais qualidade. É assim Luiza Maria Dantas, não apenas um modelo de simpatia e competência quando o assunto é música, mas princi-

palmente uma referência de amor às suas raízes, à sua gente, tão potiguar quanto ela. Ela ama a música erudita e quer vê-la também chegar às camadas mais populares, assim como fez quando dirigiu por catorze anos a Escola de Música da UFRN. Por fim, não fala de política, apenas enaltece o ex-governador Alberto Maranhão, e pronto. "Esse foi, de fato, o grande mecenas no Rio Grande do Norte".

“Meu partido é a música, meu candidato é o piano”

FRANCISCO FRANCKERLE
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

Na sua opinião, como a Escola de Música conseguiu se firmar ao longo dos anos?

Devido, em primeiro lugar, à abnegação dos seus fundadores e incentivadores como o ex-reitor Onofre Lopes da Silva, a professora Rivecca Mandel Fried, o e seu primeiro diretor Waldemar de Almeida, bem como os demais reitores que apoiaram fortemente a instituição de dinâmicas administrações. Não se poderia deixar esquecer o seu competente corpo docente, a qualidade do seu corpo discente, o trabalho dos seus funcionários, os incentivos dados pela comunidade e pela imprensa falada, escrita e televisada do Estado.

Como eram feitos os intercâmbios de conhecimento?

Era feito pelo amor à arte, porque sempre tivemos aquele problema de pouca verba, (cultura e arte não são prioridades) mas eles vinham as vezes por amizade, nós dávamos a passagem, hospedagem, mas o cachê era a amizade, então conseguimos fazer vários intercâmbios entre nosso Estado e outros da Federação e até com profissionais do exterior, mandávamos professores nossos e trazíamos professores de outros países para a Escola de Música.

Como foi sua experiência com o maestro e mestre Waldemar de Almeida?

Fui aluna do professor Waldemar de Almeida desde criança. Ele foi meu mestre em tudo, tanto no piano como na administração, ele foi o meu pai profissional. Eu o acompanhei por muito tempo, tanto assim, que, depois, ele me convidou para ser secretária dele na

Escola de Música. Waldemar de Almeida administrou a escola por quatro anos que me serviram de experiência. Ele organizou a Escola, trouxe os professores fundadores e quatro anos depois ele passou o cargo pra mim. Eu segui sua linha administrativa, abri concurso para contratar mais professores e ampliamos a didática.

Após todo esse período vivenciando e gerenciando a música, dá para dizer que o povo gosta de música erudita?

Eu acho muita graça quando dizem que o povo não gosta de música erudita. O povo não gosta se não fizerem música erudita para ele escutar, porque eu passei treze anos na direção da Escola e nunca tive problema com o auditório vazio. Eu fiz catorze semanas de música sempre com o auditório superlotado. Fiz também o festival de Música Popular Brasileira, com o Palácio dos Esportes cheio; anualmente, o encontro de bandas militares sempre atraía muita gente. Os eventos repercutiam tanto que começamos a fazer o encontro de bandas nas escolas e depois transferimos para o Palácio dos Esportes, porque a escola não comportava mais.

Então a solução seria educar o ouvido do povo?

Sim, porque o povo gosta da música erudita, agora tem que ser oferecida, porque se você não se habitua, se você não acostuma o ouvido para determinada coisa como é que você vai gostar se não escuta sempre, se você não educa o ouvido, tudo precisa da educação. A música erudita é uma música que a pessoa quando escuta pela primeira vez acha um pouco diferente, a segunda já melhora, a terceira já começa a gostar e a quarta vez acha até que é uma

espécie de calmante para a alma. É o tipo de educação para o espírito.

E o músico profissional do Rio Grande do Norte dá para viver da música sem sair do estado?

No decorrer da história da música no Rio Grande do Norte, a profissionalização sempre foi um grande empecilho, o músico ele também tem necessidade de sobrevivência e viver de música no RN realmente não é tão fácil. Precisamos evoluir com a época. Quem é bom ao meu ver, vence em qualquer profissão em qualquer lugar. Dizem que é difícil para a arte, para o artista, mas está difícil não só para o artista nem para o músico, mas para o advogado, para o sociólogo, para todas as profissões.

Como você analisa o comportamento das autoridades em relação ao músico?

Nossas autoridades deveriam olhar com um olhar materno, um olhar mais de amor aos filhos da própria terra. Não sou contra ninguém de fora vir pra cá, absolutamente, mas temos que valorizar o que é nosso. Eu trouxe muitos professores estrangeiros, mas eles vieram trabalhar pelo RN, não vieram aqui simplesmente pegar dinheiro. Hoje, os artistas de fora são contratados para um showzinho, enchem o bolso de dinheiro, têm passagens pagas, hotel cinco estrelas, e depois vão embora gastar na Bahia. Enquanto os artistas da terra, artistas maravilhosos quando recebem cachê é simplesmente irrisório. Porque o cachê do artista natalense tem que ser menor do que os que vêm de fora? Além disso, dão muito espaço a artistas cuja textura de voz não passa de uma oitava, ou então que só sabem dançar e rebolar enquanto toca o CD.

Destacaria alguma autoridade que

Foto cedida



tenha contribuído significativamente para a música do Estado?

Destacaria o governo de Alberto Maranhão e pronto. Mas cito também Cortez Pereira, Geraldo Melo porque restaurou a Orquestra Sinfônica, Garibaldi Filho criou a Capitania das Artes e Wilma de Faria incentivou muito a arte popular. Mas não gosto de falar nem de política nem dos políticos porque o meu partido, sabe qual é? É a música. E o meu candidato, sabe qual é? É o piano.

Fale um pouco sobre o CD que lançou recentemente?

É um planejamento do professor

Claudio Galvão e de músicas e músicos do RN. Eu gravei o primeiro CD Compositores Potiguares I e já lançamos o Compositores Potiguares II, um trabalho que foi patrocinado pela Farn, Escola Doméstica e Henrique Castriciano. O primeiro CD teve treze músicas e esse teve quinze músicas só de compositores do Rio Grande do Norte. Já recebi inúmeros pedidos para gravar Chopin. E como estudei com Orione de Almeida, o intérprete de Chopin, confesso que a tentação é grande, mas sou muito bairrista e meu amor pela minha terra é muito grande. Entendeu? Amo Chopin de coração, adoro tocar suas músicas, mas prefiro gravar meu conterrâneo.



A origem da música

Muitas obras de arte da Antigüidade mostram músicos e seus instrumentos, entretanto não existem conhecimentos sobre como os antigos faziam seus instrumentos. Apenas umas poucas peças completas de música da Antigüidade ainda existem, quase todas do povo grego.

Egito - Por volta de 4.000 a.C., as pessoas batiam discos e paus uns contra os outros, utilizavam bastões de metal e cantavam. Posteriormente, nos grandes templos dos deuses, os sacerdotes treinavam coros para cantos de música ritual. Os músicos da corte cantavam e tocavam vários tipos de harpa e instrumentos de sopro e percussão. As bandas militares usavam trompetes e tambores.

Palestina - O povo palestino provavelmente não criou tanta música quanto os egípcios. A Bíblia contém a letra de muitas canções e cânticos hebraicos, como os Salmos, onde são mencionados harpas, pratos e outros instrumentos. A música no templo de Salomão, em Jerusalém, no século X a.C., provavelmente incluía trompetes e canto coral no acompanhamento de instrumentos de corda.

China - Os antigos chineses acreditavam que a música possuía poderes mágicos, achavam que ela refletia a ordem do universo. A música chinesa usava uma escala pentatônica (de cinco sons), e soava mais ou menos como as cinco teclas pretas do piano. Os músicos chineses tocavam cítara, várias espécies de flauta e instrumentos de percussão.

Índia - As tradições musicais da Índia remontam ao século XIII a.C.. O povo acreditava que a música estava diretamente ligada ao processo fundamental da vida humana. Na Antigüidade, criaram música religiosa e por volta do século IV a.C. elaboraram teorias musicais. Os músicos tocavam instrumentos de sopro, cordas e percussão. A música indiana era baseada num sistema de tons e semitons; em vez de empregar notas, os compositores seguiam uma complicada série de fórmulas chamadas ragas. As ragas permitiam a escolha entre

certas notas, mas exigiam a omissão de outras.

Grécia - Os gregos usavam as letras do alfabeto para representar notas musicais. Agrupavam essas notas em tetracordes (sucessão de quatro sons). Combinando esses tetracordes de várias maneiras, os gregos criaram grupos de notas chamados modos. Os modos foram os predecessores das escalas diatônicas maiores e menores. Os pensadores gregos construíram teorias musicais mais elaboradas do que qualquer outro povo da Antigüidade. Pitágoras, um grego que viveu no século VI a.C., achava que a Música e a Matemática poderiam fornecer a chave para os segredos do mundo. Acreditava que os planetas produziam diferentes tonalidades harmônicas e que o próprio universo cantava. Essa crença demonstra a importância da música no culto grego, assim como na dança e nas tragédias.

Roma - Os romanos copiaram teorias musicais e técnicas de execução dos gregos, mas também inventaram instrumentos novos como o trompete reto, a que chamavam de tuba. Usavam freqüentemente o hydraulis, o primeiro órgão de tubos; o fluxo constante de ar nos tubos era mantido por meio de pressão de água.

NACIONALISMO

Um dos frutos do romantismo foi que muitos compositores começaram a procurar, de diversas maneiras, expressar na música os sentimentos de seu povo. O nacionalismo musical desenvolveu-se de diversas formas em vários países; muitos compositores estudaram o folclore de seu país e aproveitaram música folclórica em suas obras.

Na França, o nacionalismo criou uma marcante e nova tradição na ópera e em obras sinfônicas dramáticas. George Bizet compôs Carmen, uma das mais conhecidas e executadas óperas até hoje. Franz Liszt, húngaro de nascimento, mas que estendeu suas atividades tanto à Fran-

ça como à Alemanha, representa um vínculo musical entre esses dois países.

Na Alemanha, Richard Wagner dominou a forma operística com seus revolucionários dramas musicais. Johannes Brahms rejeitou a influência do teatro e procurou dar continuidade à tradição de Beethoven, preferia a música pura sem dramatizações. A valsa do estilo vienense e a ópera ligeira começaram com Johann Strauss e atingiram o auge com seu filho.

Na Itália, Rossini, Puccini e Verdi desenvolveram a ópera que atingiu o auge e seus mais belos momentos.

O mais popular compositor russo é Tchaikovsky, com sinfonias que continuam a ser as mais admiradas obras russas do gênero.

A MÚSICA NO SÉC. XX

O século XX presenciou o desenvolvimento de quatro aspectos importantes na história da música: 1. O sempre crescente espírito nacionalista; 2. O aparecimento de importantes compositores norte-americanos e latino-americanos; 3. A ascensão de estilos internacionais na música, pela primeira vez desde o período clássico do século XVIII; 4. A procura de novos princípios harmônicos que substituíssem a harmonia tradicional de tônica-dominante.

1. O Nacionalismo tornou-se marcante na música espanhola. Os compositores soviéticos, dominados pelo governo comunista, criaram uma perspectiva oficialmente anti-romântica, conheci-

da como realismo socialista. Os mestres húngaros escreveram obras calcadas em canções folclóricas mas com um estilo pessoal.

2. Novos compositores americanos começaram a expressar idéias de vanguarda de muita importância na música do século XX. A América Latina produziu compositores muito importantes como o mexicano Carlos Chávez e o brasileiro Heitor Villa Lobos.

3. Estilos internacionais. No início do século XX surgiu o Impressionismo, criado na França por Claude Debussy e mais tarde com Maurice Ravel. O compositor russo Igor Stravinsky, foi um inovador por excelência, criando vários estilos musicais.

MÚSICA FOLCLÓRICA

É o conjunto de canções tradicionais de um povo. Tratam de quase todos os tipos de atividades humanas e muitas destas canções expressam crenças religiosas ou políticas de um povo ou descrevem sua história. A melodia e a letra de uma canção folclórica podem sofrer modificações no decorrer de um tempo, pois normalmente passam de geração em geração. Os principais tipos de música folclórica são as canções para dançar, as lendárias e as canções de danças e jogos infantis.

As canções para dançar são provavelmente o tipo mais antigo de música folclórica. No início foram cantadas como acompanhamento para danças e o nome de seus compositores se perderam no tempo. Muitas ficaram associadas ao lugar de origem, como a gavota francesa, a mazurca e a polonesa, da Polônia e a tarantela da Itália.

As lendárias são geralmente de origem remota, têm caráter poético e expressam diretamente o que se passa no sentimento do cantor. São exemplos disso as baladas inglesas da Idade Média e do Renascimento e os spirituals dos negros dos EUA.

MÚSICA ELETRÔNICA

É um tipo de música na qual os sons são produzidos eletronicamente. O compositor emprega equipamento eletrônico para produzir sons que têm uma determinada intensidade, altura e tonalidade. A música é gravada e ouvida através

de um ou mais amplificadores combinados. O compositor pode produzir sons eletrônicos empregando computadores; usam também sintetizadores para criar e combinar vários tipos de sons. Algumas das sonoridades obtidas assemelham-se à voz humana ou às vezes ao som de instrumentos tradicionais.



IDADE MÉDIA



Os cânticos faziam parte do culto cristão desde os primórdios do cristianismo. Desenvolveram-se até tomar a forma de uma espécie de melodia chamada cantochão. Santo Ambrósio ajudou a elaborar uma série de regras para manter um estilo adequado ao canto de hinos sacros. A música que obedece a essas regras é chamada canto ambrosiano. Foi a

primeira forma sistematizada do cantochão. Com o Papa Gregório, o Grande, os eclesiásticos criaram o canto gregoriano, que é o mais conhecido hoje em dia.

O cantochão era construído sobre uma série de modos semelhantes aos da música grega. A escala diatônica de hoje fixa as alturas de certas notas e indica as relações entre as notas; o cantochão, entretanto, nem sempre estabelecia a altura das notas; determinava apenas as relações entre elas, não tinha harmonia nem acompanhamento. A música da Antiguidade e dos primórdios da Era Medieval tem apenas uma linha melódica cantada e tocada por todos os exe-

cantantes e é frequentemente chamada monofonia. No início da Idade Média, todos cantavam tanto a música sacra como a profana ou secular (não religiosa) na forma monofônica.

Depois desejaram cantar e tocar uma música mais interessante e mais complexa do que a monofônica. Reuniram duas ou mais melodias, criando um tipo de música chamada polifonia, que significa muitos sons. A polifonia apareceu na Europa mais ou menos no século IX. O contraponto (escrita polifônica) desenvolveu-se nos 800 anos seguintes.



MUSICA SACRA

É aquela música cujo assunto ou tema é de caráter religioso. É principalmente tocada nos serviços religiosos. Oratório, hinos e salmos são composições de música sacra.

Oratório: Composição musical em que participam solistas, coro e orquestra. O tema geralmente é tirado da Bíblia, sua execução dispensa cenários

ou ação dramática. O nome dessa forma musical vem da Congregação Oratório, em Roma, onde de 1571 a 1594 eram realizadas apresentações de música sacra. A música ali executada foi base dos oratórios modernos.

Hino: é um cântico de louvor, invocação ou de adoração geralmente cantado durante cerimônias religiosas.

MUSICA RENASCENTISTA

A Renascença, na música, data do século XIV no sul da Europa e de um pouco mais tarde no norte europeu. Os compositores desejavam escrever música secular sem se preocupar com as práticas da Igreja. Sentiam-se atraídos pelas possibilidades da escrita polifônica, na qual cada voz podia ter sua própria linha meló-

dica. A escrita polifônica fornecia oportunidades técnicas para efeitos de grande brilho, que eram impossíveis até então. Uma forma secular de composição, o madrigal, surgiu no século XIV, na Itália. Os compositores escreviam madrigais em sua própria língua, em vez de usar o latim. Compositores flamengos escreveram obras neste estilo, em-

bora se dedicassem quase essencialmente à composição sacra.

Na Itália, Giovanni Palestrina, criou o mais importante sistema de escrita polifônica que antecedeu a Bach. Durante a Renascença, a música inglesa atingiu o apogeu, surgiram grandes compositores madrigalistas ingleses que musicavam a poesia da época.

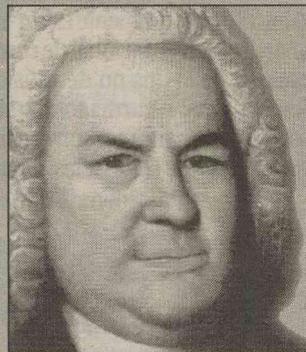
Fotos: Arquivo/DN



Wolfgang Amadeus Mozart

MUSICA CLASSICA

Os compositores clássicos acreditavam que a música deveria ter uma forma polida e galante, só desejavam expressar emoções de uma maneira refinada e educada. Suas obras são cheias de brilhantismo e vivacidade. Entre os compositores que dominaram a época estão: Joseph Haydn e Wolfgang Amadeus Mozart, ambos com uma obra vastíssima. Haydn compôs mais de 100 sinfonias, enquanto Mozart compôs mais de 600 peças. Ambos desempenharam um papel importante no desenvolvimento da sonata para piano, nos quartetos de cordas e em outras formas musicais.



Johann Sebastian Bach

MÚSICA DE CÂMERA

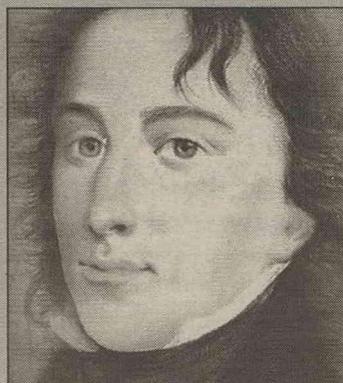
Esta expressão começou a ser empregada em meados do século XVII, quando pequenos grupos de músicos, chamados conjuntos, tocavam em câmaras, isto é, em salas particulares e não em igrejas ou lugares abertos em público; tocavam para seu próprio prazer e para os apreciadores da música. Atualmente, os conjuntos de música de câmara se apresentam em concertos para o público. O número de participantes pode variar de dois a 30 ou 40 participantes, mas a maioria tem de dois a seis músicos. Quartetos, quintetos e trios, compostos de instrumentos de cordas ou de sopro, são os conjuntos mais comuns de música de câmara. Existem composições feitas para conjunto instrumentais de cordas, madeiras e metais, que variam em número de 10 a 30 instrumentos. Este conjunto é chamado de orquestra de câmara.

ROMANTISMO

Os compositores românticos achavam o estilo de música do Classicismo artificial. Sentiam que a música poderia ser fantasiosa e emocional, com a imaginação fornecendo os meios e o sentimento expressando o estado de espírito. A força da expressão substituiu o refinamento que faltava em suas obras. Muitos compositores importantes surgiram nesta época: Beethoven, que apesar de ser um mestre das formas clássicas, afastava-se delas sempre que isso lhe parecia necessário para atingir suas metas artísticas. Era fundamentalmente um classicista, mas escreveu obras de espírito romântico. Franz Schubert, um extraordinário compositor do início do romantismo. Carl Maria von Weber, alemão que imprimiu o primeiro exemplo importante de espírito nacionalista à ópera. Mendelssohn, também alemão que obteve fama por sua música instrumental e teve o grande mérito de ter re-

novado o interesse pela música de Bach.

Nesta época também surgiu o polonês Frederic Chopin, que passou a maior parte de sua vida na França e é famoso por suas peças para piano.



Frederic Chopin

MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA

O progresso econômico decorrente da descoberta do ouro em Minas Gerais favoreceu o surgimento da música erudita, na região de Diamantina e Ouro Preto, nos fins do século XVIII e início do século XIX. Era uma música sacra, surgiu nessa época uma geração de compositores, contemporâneos do Aleijadinho na escultura e dos poetas inconfidentes. Destacou-se entre outros, o Padre José Maurício Nunes Garcia, da época de Dom João VI, autor de um Réquiem e da Missa em Si Bemol Maior.

Da geração que veio em seguida, a figura principal é o compositor do Hino Nacional Brasileiro, Francisco Manuel da Silva. Nesta época encerrou-se o período sacro e começou o período operístico. Surgiu Antônio Carlos Gomes, que conseguiu introduzir na ópera elementos nativos e que se destacou principalmente com O Guarani.

Outro compositor importante foi Leopoldo Miguez que compôs poemas sinfônicos. Ainda no

final do século XIX, o maestro Francisco Braga foi um grande incentivador do ensino musical como professor do Instituto Nacional de Música.

Heitor Vila-Lobos, consagrou-se como o maior compositor brasileiro de música erudita, tanto pela amplitude de suas atividades como pela extensão e originalidade de sua obra. Criou o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e incentivou o ensino de música nas escolas.

Na música erudita contemporânea destacam-se entre outros e, filiando-se a modernas tendências européias, Guerra Peixe, Marlos Nobre e Edino Krieger.



FUNDAMENTAL PROFESSORES
DEFENDEM O ENSINO DA
MÚSICA NAS ESCOLAS

Trabalhando a música em sala de aula

O grande compositor Villa Lobos foi o primeiro personagem da história da música no Brasil a tentar implantar, nas escolas, o ensino da arte, na década de 1930 e 1940, através do projeto que ele chamou de Canto Orfeônico. Ele possibilitou que as crianças estudassem música através do canto porque por meio de instrumentos dependeria de uma estrutura caríssima. Infelizmente, a escola pública do Brasil, principalmente do Ensino Fundamental, ainda não atentou para a importância da música na formação do cidadão, faltam incentivos, estrutura, material humano para trabalhar o tema e um currículo que contemple essa necessidade. O DN Educação ouviu intelectuais, professores e músicos sobre o assunto.

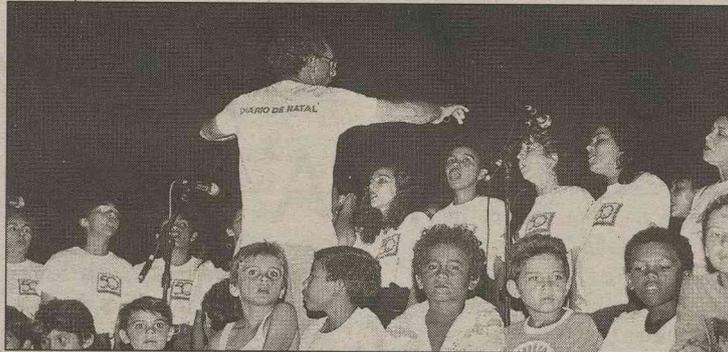
O diretor da Escola de Música da UFRN, professor Airton Guimarães, diz que nos países desenvolvidos a formação musical para as crianças já começa desde cedo, o que demonstra que elas precisam ter acesso à arte porque todas têm condição de fazer arte. "É claro que por uma opção natural

todos vão por um caminho diferente, nem todo mundo quer ser músico profissional, mas essa opção passa pela formação do indivíduo. O que é importante saber é que a pessoa que tem acesso à arte é mais completa e mais rica espiritualmente".

Já o historiador Claudio Galvão ressalta que no seu tempo de escola havia uma disciplina no currículo que ensinava rudimentos de teoria musical e os professores formavam conjuntos orfeônicos, ou corais, especialmente para cantar os hinos patrióticos. "Além dessas músicas, cantavam também arranjos de músicas folclóricas. Aí devemos muito a Waldemar de Almeida que, sob influência do maestro Villa Lobos, implantou um projeto de divulgação da música folclórica brasileira. Hoje, a música saiu do currículo escolar e as escolas só preparam aluno para o vestibular", disse Cláudio Galvão.

Na década de 1970, o governo implantou a disciplina de Educação Artística, mas não era específico de música, atendia ainda às iniciações nas áreas de desenho, plástica e até teatro. Se rebuscarmos nos jornais do Séc.

Fotos: Arquivo/DN



XIX e começo do Séc. XX, há registros de 1899 e começo de 1900 encontrase muita gente dando aulas de piano e teoria musical, da mesma forma que hoje encontramos muita gente na cidade ensinando música.

Atualmente existe uma discussão a nível nacional de como se implantar o ensino de música na escola, qual o currículo que seria necessário para um bom ensino. Segundo Airton Guimarães, muitas escolas têm

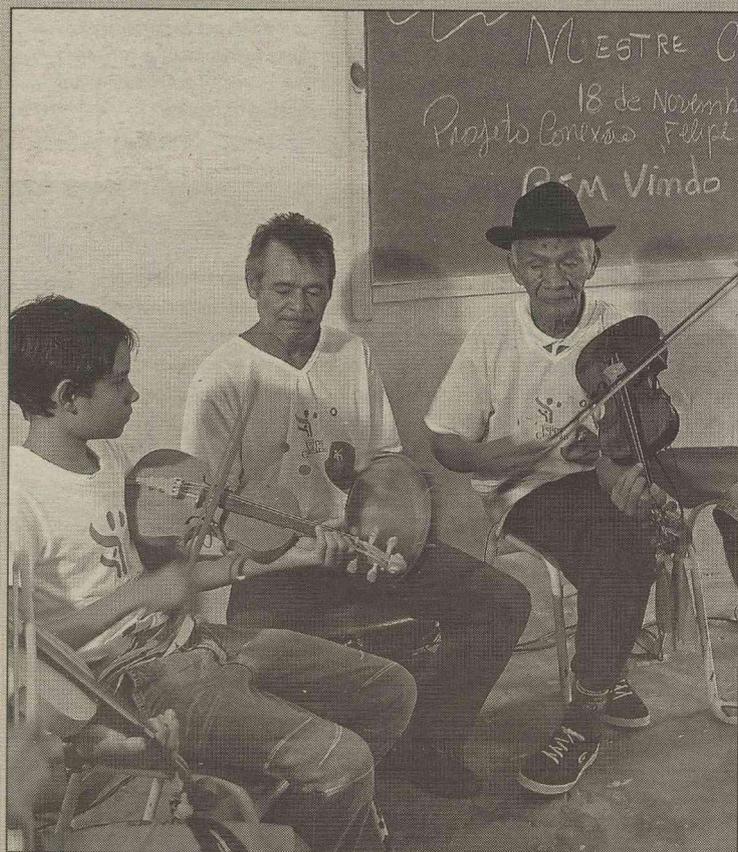
demonstrado interesse na implantação da disciplina. E isso é exatamente o reflexo do que temos visto, com várias escolas abrindo cursos na grande Natal e interior. Muitos dos alunos já atuam na área.

A MÚSICA DENTRO DE CASA

Hoje, o teclado trouxe muita comodidade. Antes, com o piano não se podia fazer isso. A informática também tem beneficiado o aprendizado da música,

há softwares que programa e reproduz a música que se escreve no teclado. Não há dúvida de que o ambiente musical cresceu muito principalmente devido às ofertas de profissionalização.

Claudio Galvão conta que, antes, era praticamente obrigatório para as moças aprenderem música porque facilitava conseguir um 'bom partido'. Aquelas que tocavam instrumento tinham mais facilidade de se casar porque a mulher cuidada da casa e do marido. Como não havia televisão, a distração do marido, quando chegava cansado do trabalho era ouvir a mulher tocar piano. Depois, os filhos aprendiam também instrumento e formavam as orquestras de família. Muitos dos grandes músicos do RN surgiram assim, como é o exemplo de Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas cuja família era praticamente toda de músicos.



A tradição que passa de geração a geração deveria chegar às escolas

Escolas de Música ignoram a tradição oral e cultura de raiz

A coordenadora do Projeto Conexão Felipe Camarão, historiadora Vera Santana vai além do debate sobre a inserção da música de tradição oral no sistema básico de educação e questiona os motivos que levam a exclusão dessa musicalidade dos currículos das escolas de música de todo o país.

"Os currículos das escolas de música das universidades são falhos. E isso eu posso afirmar com autoridade. Elas não absorvem essa cultura de raiz, a cultura inicial, a originária, a que estava no Brasil à época de seu descobrimento, através da música que os índios faziam. E quando elas não mostram isso em seus projetos educacionais estão, acima de tudo, subtraindo uma parte de nossa história", enfatizou.

De acordo com Vera Santana, é preciso absorver a cultura dos

mestres, uma história que não é apenas musical, mas toda uma tradição oral que se traduz ainda hoje. "Como é que um jovem vai estudar numa escola de música e nunca ter ouvido uma música do Boi de Reis ou Araruna?", questiona, acrescentando que é a partir do entendimento da história da música por parte das escolas de música, analisando desde a sua origem, que vai ser possível se criar um alicerce sobre o que é ser músico. "O músico terá uma formação completa, com uma visão muito mais ampla e passando a avaliar a importância da música produzida no mundo, mas sem esquecer essa que formou o Brasil", esclareceu.

A partir da constatação dessa realidade, Vera Santana explica que

uma das metas do Projeto Conexão Felipe Camarão é justamente a criação de uma escola de música no bairro. "Isso será justamente para mostrar que há possibilidade de se fazer uma escola de música que retrate o Brasil para mostrar que a base dela seja tradição oral", explicou, complementando que a futura escola não se limitará às músicas dos mestres do bairro.

"O Brasil possui uma diversidade cultural enorme e, neste projeto, a base será as músicas do Boi de Reis, seguindo a concepção das outras ações do Conexão, que trabalham a musicalidade brasileira como um todo, tanto de compositores de renome, como de outras manifestações do próprio Estado. Não podemos omitir essa formação cultural".

DESTAQUE ALGUNS PROJETOS DO GOVERNO DO ESTADO NA ÁREA DE MÚSICA

Apoio governamental



A Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte é a única do gênero no Estado e realiza concertos educativos e nas periferias, sob a regência do maestro Oswaldo D'Amore

A Secretaria Estadual de Educação, através da Fundação José Augusto (FJA), desenvolve projetos que envolvem música.

da terra já se exibiram no projeto musical da Fundação José Augusto.

O Centro de Promoção Cultural - CPC, além de desenvolver projetos nas áreas de artes cênicas, também administra os projetos Seis e Meia e as de Música.

PROJETO SEIS E MEIA

O Projeto Seis e Meia, criado em 1995, tem como objetivo a divulgação dos artistas da terra (músicos, compositores e cantores) ao lado de nomes consagrados da MPB. O Seis e Meia, patrocinado pelo Instituto Telemar e TAM linhas aéreas, traz ao Teatro Alberto Maranhão grandes artistas nacionais nas três primeiras terças-feiras de cada mês, sempre às 18h30. Contato (84) 3232 5320 - (84) 3232 5321.

O Projeto Seis e Meia, revigorado após a parceria com a Tam e Telemar, vem conseguindo ser sucesso de público. Zeca Baleiro, Belchior, Oswaldo Montenegro, Wilson Simoninha, Jair Rodrigues, Alceu Valença, Fagner e vários outros artistas de renome já participaram do Seis e Meia. O talento potiguar também está presente na abertura de cada sessão musical. Galvão Filho, Pedro Mendes, Babal, Diogo Guanabara, Marcelo Randemark, Geraldo Carvalho e vários outros músicos.

PROGRAMA DE INCENTIVO ÀS BANDAS DE MÚSICA DO RN

Implantado em 1997, o Programa visa valorizar as Bandas de Música do Rio Grande do Norte, incentivar a formação de novas Bandas e aprimorar os músicos e maestros reconhecendo a importância dessa manifestação cultural e sua capacidade de interferir positivamente dentro da comunidade onde atua.

A doação de instrumentos musicais pelo Ministério da Cultura, através da Fundação José Augusto, possibilitou um aumento de 50 para 100 bandas atuando no interior do Rio Grande do Norte. Além do incentivo, através da distribuição de instrumentos, de partituras e da realização de seminários, o programa realiza também os seguintes projetos:

DIA DA BANDA

O projeto visa a valorização das Bandas do Estado, trazendo-as para apresentações em Natal, com concertos específicos ou junto com a Orquestra Sinfônica do RN e participação em projetos como o "O Presente de Natal".

BOLSA DE ESTUDO

Ação desenvolvida em parceria com Prefeituras Municipais e com o Instituto de Música Waldemar de Almeida. Os músicos contemplados com a bolsa assume o compromisso de atuar na sua comunidade como agente multiplicador dos conhecimentos adquiridos.

BANCO DE PARTITURAS

Banco criado visando o intercâmbio entre os repertórios das Bandas de Música do Estado e melhor divulgação dos compositores e arranjadores dessa área de música. Conta, no seu acervo, com obras de Tonheca Dantas, Felinto Lúcio Dantas, Urbano Medeiros, Duda, Edson Rodrigues, entre outros.

Fotos: Arquivo/DN



INSTITUTO DE MÚSICA WALDEMAR DE ALMEIDA

O Instituto de Música Waldemar de Almeida, criado em 1986, é a única escola de música ligada ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte. O Instituto mantém programas de profissionalização de instrumentistas, promove recitais e apresentações, além de contar com grupos musicais e de canto coral que já atingiram uma credibilidade artística. O objetivo principal do Instituto Waldemar de Almeida é o ensino básico para instrumentistas com professores concursados e monitores. Os cursos têm duração de três anos divididos em seis períodos, exceto cursos de extensão com duração, em média, de três meses.

Fones: 232 5357/5358

ORQUESTRASINFÔNICA DO RN

Criada em 1976 por iniciativa do Secretário de Educação, João Faustino, a Orquestra Sinfônica do RN une em suas apresentações a música erudita com a música popular. As apresentações com Henrique Cazes, representante no Brasil do cavaquinho moderno e com o mestre da sanfona brasileira, Sivuca, já se tornaram consagradas. Os concertos com a cantora Bibi Ferreira e o resgate de obras como a valsa Royal Cinema de Tonheca Dantas também atestam o compromisso da Orquestra Sinfônica em buscar a formação de novas platéias. O maestro Mário Cândia Justo dos Santos foi seu primeiro regente e organizador durante dez anos. Em 1987 passou a ser regida pelo maestro Oswaldo D'Amore.

A programação da OSRN compreende os Concertos Oficiais e os Concertos Didáticos que são feitos em parceria com o Diário de Natal com apresentações no Teatro Alberto Maranhão. Os Concertos Populares se realizam em diversos bairros de Natal e também são realizados em cidades do interior do Estado. Os Concertos Especiais são programados para situações específicas tendo sido realizados Concertos no Centro Administrativo, em colégios públicos, Palácio Potengi e até mesmo no TAM. Compre o CD da OSRN. Pedidos pelo telefone (84) 232 5318 / 232 5319.

DESTAQUE A TRAJETÓRIA DA MÚSICA NO RN

História e vertentes



FRANCISCO FRANCERLE
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

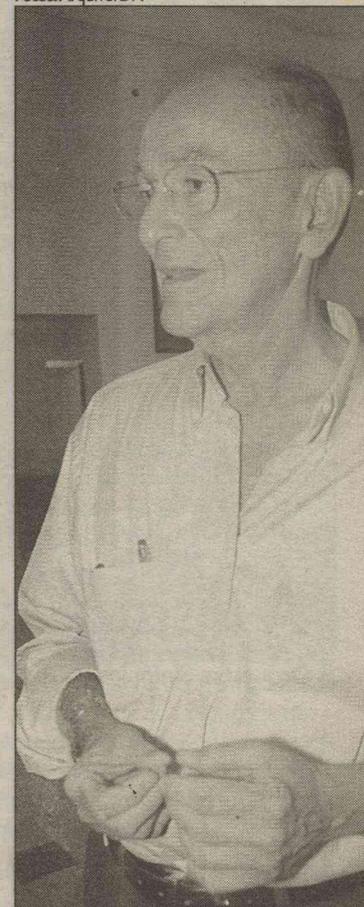
Quem desfruta hoje das novas tecnologias digitais que revolucionam o mundo da música como CD, DVD, MP3, além de softwares de computadores, não imagina que em tempos remotos já se fazia música no Brasil, utilizando-se de instrumentos os mais rudimentares possíveis. Na verdade, o Brasil tem três grandes vertentes para formação da sua música. Segundo o historiador Claudio Galvão, a primeira vertente foi a nativa, originada do brasileiro índio até a chegada do europeu. O índio tinha uma atividade musical intensa, tudo o que ele fazia era acompanhado por música, as cerimônias, atos fúnebres e sociais, etc. Ainda hoje há tribos indígenas selvagens, em plena selva, que nunca viram um homem branco, e pode-se encontrar a presença intensa da música, inclusive, entre as tribos do período colonial. E o mais interessante era a autenticidade já que eles não tinham influência de um povo mais avançado. Tudo era inventado, criado e mantido por eles.

Com o descobrimento chegam os portugueses que introduzem sua cultura, considerada mais avançada, impondo suas idéias

sobre a cultura nativa dos índios. Essa imposição começa com a educação nas escolas e a educação religiosa através dos missionários e jesuítas. E a música foi muito útil para os portugueses repassarem aos indígenas seus hábitos, costumes e ensinamentos religiosos. À medida que os índios iam sendo catequizados, tornando-se cristãos, eles iam adotando também aquelas músicas em que os padres faziam uma espécie de mistura entre o que o indígena tinha e o que os padres traziam.

Pouco tempo depois, quando começa a cultura da cana de açúcar, o branco português traz um novo elemento, o terceiro, que também é extremamente forte na contribuição que deu para a formação da música popular brasileira, que é o negro. Durante o período da escravidão. O negro traz uma música nova extremamente diferente, tanto da música indígena quanto da portuguesa. Com o passar dos anos, esses três elementos passam a se fundir e agregar. Como dizia Olavo Bilac em um poema, a música brasileira é o produto de três raças tristes. "Mas nem só de tristeza viveu a música brasileira. Há de tudo na música brasileira, elementos para todos os gostos, que foram frutos dessa mistura de raças", disse.

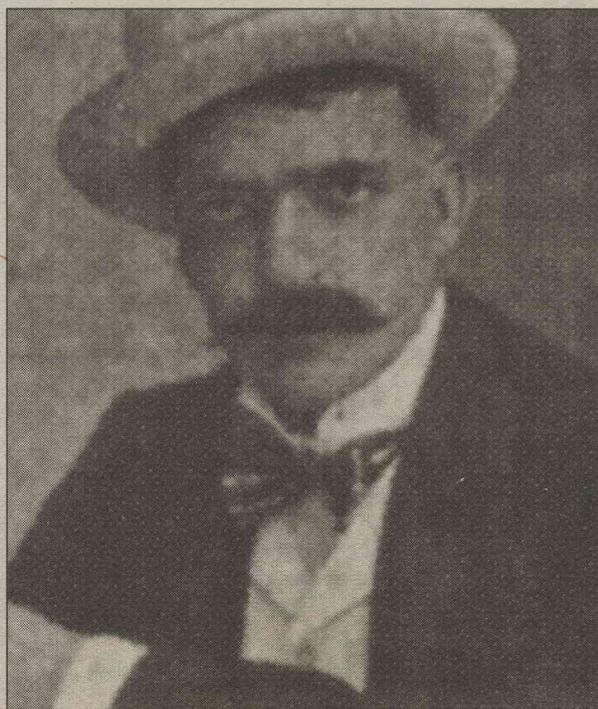
Fotos: Arquivo/DN



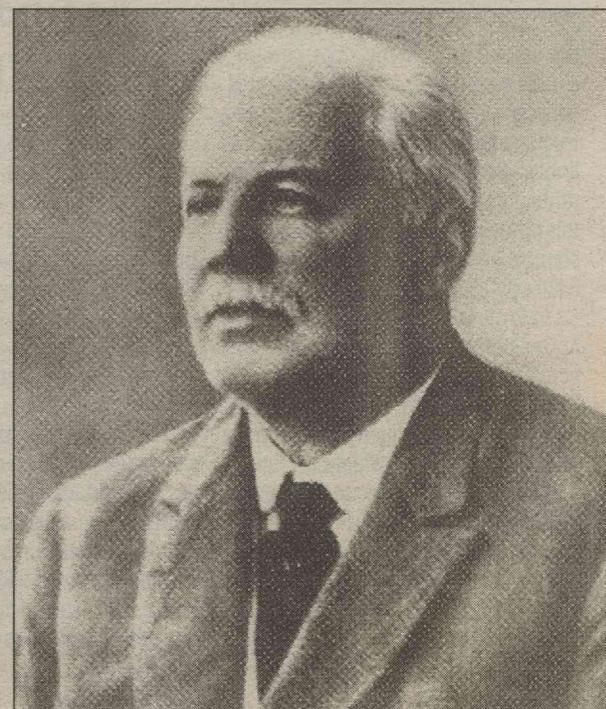
Professor Claudio Galvão é um dos principais historiadores da cidade de Natal e do Rio Grande Norte. É autor de várias obras que resgatam a arte e a cultura do povo potiguar



Thomas Babini, violoncelista e professor da Eschola de Musica



Maestro Luigi Smido, primeiro regente da orquestra do Teatro



Amaro Barreto fez o primeiro concerto de piano em Natal

DESDE OS TEMPOS INDÍGENAS ATÉ OS DIAS ATUAIS da Música Potiguar



A orquestra do Teatro Carlos Gomes no Centenário da Independência, em 1922

A história da música no RN começa com o Mecenaz

Oficialmente, a história da música do Rio Grande do Norte começa no primeiro período de administração do Governo Alberto Maranhão, em 1904, com a inauguração do Teatro Carlos Gomes. Todo mundo credita ao governador Alberto Maranhão a construção do teatro que na época se chamava Teatro Carlos Gomes. Realmente, coube ao governador Alberto Maranhão concluir o teatro, mas foi o governador Ferreira Chaves, em 1898, quem ordenou e começou sua construção, em comemoração ao segundo aniversário de sua administração, em um terreno que, durante o período chuvoso, tornava-se alagado e insalubre.

Antes do teatro, o velho casarão da Intendência Municipal, atual Prefeitura, era improvisado para eventos musicais. O historiador Claudio Galvão relata no livro "100 anos de Arte e Cultura" que o pianista Amaro Barreto Filho foi o primeiro norte-rio-grandense a apresentar-se como concertista em Natal, fazendo recitais no casarão em 8 de maio de 1890 (com o barítono Guglielmo Comoletti e o violinista

Apolinário Joaquim Barbosa), e 12 de março de 1896, com o violinista Vincenzo Cernichiaro. A cantora lírica Onélia Manzetti apresentou-se duas vezes em janeiro de 1901, acompanhada de uma orquestra, sob a direção do violinista Joaquim Scipião, por sinal irmão de Alberto Maranhão. Nesse mesmo ano, a Companhia Palácio e Lira apresentou operetas no teatrinho Recreio Moderno, na Rua do Comércio.

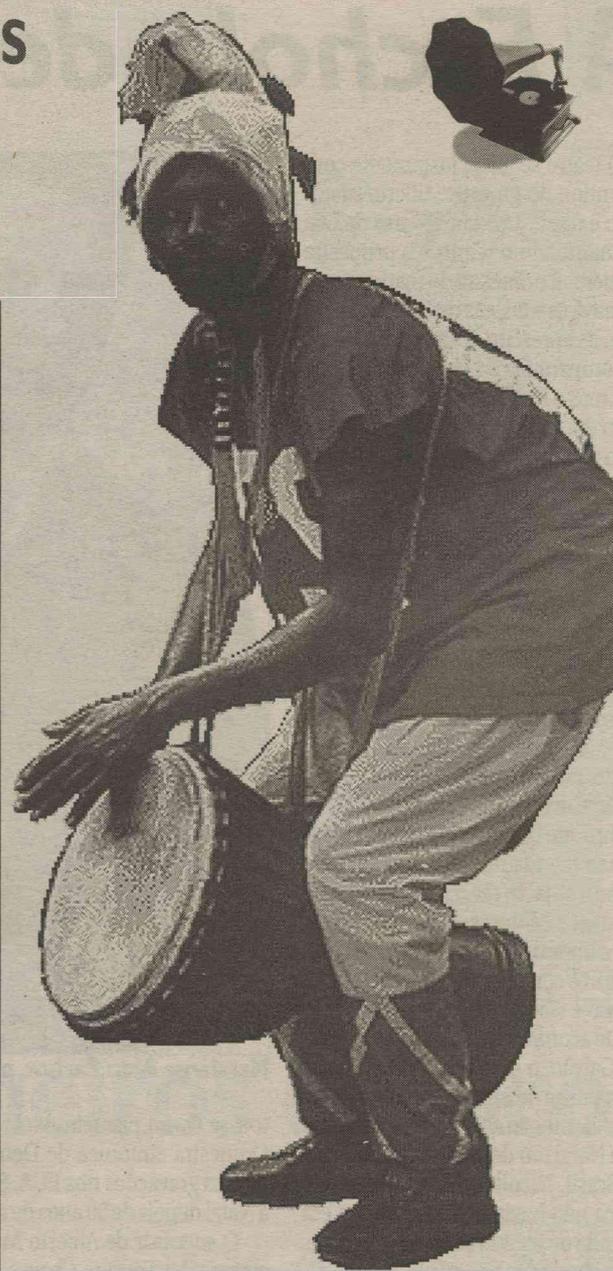
Em 1903, o governador Alberto Maranhão começou a contratar a primeira orquestra para o teatro e para a cidade. Dois nomes foram importantes no começo dessa história. Um foi do maestro italiano que veio de Belém, contratado pelo Estado, para organizar a orquestra para a inauguração do teatro. O maestro Smido fez a primeira apresentação da Orquestra do Teatro Carlos Gomes no Palácio do Governo, no dia 2 de outubro. Na mesma ocasião, apresentou-se a banda de música do Batalhão de Segurança (Polícia Militar) e a regência esteve a cargo do Maestro Smido e do violinista Joaquim Scipião.

Na época, tudo era feito pelos próprios



Ex-governador Alberto Maranhão, considerado o mecenaz das artes no Rio Grande do Norte

músicos da terra e a chegada de um maestro italiano com formação em música gerou muito expectativa na cidade. Luigi Smido tocava piano e ministrava cursos de música em Natal. Um outro músico, o José Bernardo Borrajo, também veio do Pará. Ele era clarinetista de nível superior, formado na Europa. Então começou a organização da orquestra e o Luigi Smido reúne tudo o que tinha de melhor no estado: os melhores músicos de banda, muita gente tocava violino e os instrumentos de sopro. Foi essa orquestra que tocou na inauguração do teatro e se manteve durante muito tempo.



Fachada antiga do Teatro Carlos Gomes em Natal

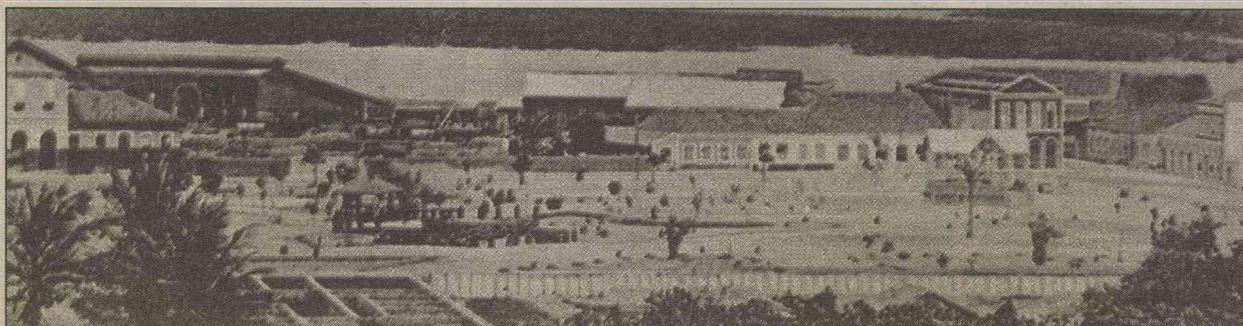


Imagem antiga do bairro da Ribeira, do largo onde foi construída a Praça Augusto Severo e o então Teatro Carlos Gomes



Teatro Alberto Maranhão, antigo teatro Carlos Gomes

A Eschola de Musica

O teatro se inicia justamente com o término do governo Alberto Maranhão e o seu sucessor Tavares de Lira vai mantendo o teatro e a orquestra também. A orquestra do teatro acompanhava os músicos que tocavam durante as apresentações teatrais, tanto de companhias da cidade quanto de fora, mas o momento mais forte aconteceu em 1908 quando Alberto Maranhão volta ao governo. O primeiro ato do governador, no seu segundo mandato, foi a criação da *Eschola de Musica*. Da mesma forma que fez com a orquestra, ele trouxe muita gente de fora para compor o magistério dessa primeira escola de música que funcionava nas dependências do teatro.

Devido a deteriorização das instalações do teatro, as apresentações começaram a ser feitas no salão nobre, conhecido como Salão Rosa do Palácio do Governo, na Praça Sete de Setembro, até que em 1912, Alberto Maranhão manda restaurar o teatro que ganha a atual feição. Era lá onde as orquestras e cantores tocavam e cantavam e onde os pianistas davam seus recitais e os conjuntos de câmeras, piano, violino e violoncelo, etc.

De acordo com o historiador Claudio Galvão, o gosto de Alberto Maranhão para a música era realmente surpreendente, tanto que ele contratou para Natal um dos maiores violinistas do Brasil, Nicolino Milano. Naquela época não havia disco, a música era cantada ou tocada ao vivo. As famílias mais abastadas possuíam piano e direcionavam logo cedo os filhos a aprenderem música. Algumas tinham até orquestra feita pelos filhos e parentes. Reuniam-se nas noites porque, geralmente, não havia nada para fazer nessa cidade porque nem luz elétrica havia por aqui. Tudo tinha que ser ao vivo.

Um ponto importantíssimo foi a chegada em Natal de um outro violoncelista italiano, Thomas Babini, que se casou com uma viúva natalense, tornando músico seus dois filhos. Tanto os filhos dele quanto os enteados foram músicos também. Pelo que noticiavam os jornais, nessa época, Natal ouviu música de alto nível, até 1914. O que pouca gente sabe é que Natal foi a primeira cidade brasileira a ter uma escola de violoncelo e que um dos enteados de Babine é Aldo Parisot, um dos maiores violoncelistas do mundo, homenageado nos Estados Unidos. Hoje, ele está muito idoso, não toca mais. Teve muitas gravações com atividades na Universidade de Yale, nos EUA. Outro músico violoncelista, ainda em atividade, está com 78 anos agora, é Ítalo Babine. Ainda hoje em atividade, Ítalo era filho do próprio Babine. Aposen-

Fotos: Arquivo/DN



Natalense Aldo Parisot, professor nos Estados Unidos e sucesso internacional

tou-se como primeiro violoncelo da Orquestra Sinfônica de Detroit, teve muitas gravações nos EUA. Só voltou a Natal depois de 50 anos de ausência.

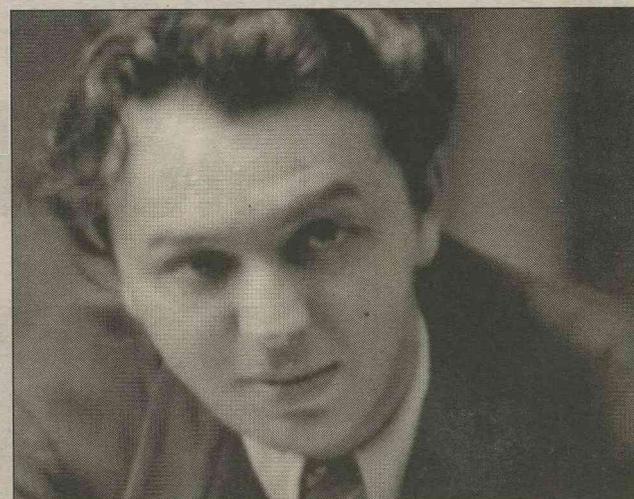
O sucessor de Alberto Maranhão, governador Ferreira Chaves, ao assumir o governo cortou despesas consideradas supérfluas. O primeiro corte foi a Eschola de Musica. Todo aquele movimento musical que Alberto Maranhão fazia entrava em decadência. Durante todo o período de Ferreira Chaves, de 1914 a 1920, a música no RN foi 'tratada a pão e água'. "Tudo era feito de forma particular e, por isso, as iniciativas sofriram descontinuidade".



Primeira formação do Trio Irakitan: João Costa, Edson França e Gilvan Bezerril, que alcançou sucesso nacional



Trio Marayá começou em Natal e ganhou o mundo: Behring Leiros, Hilton Acioli e Marconi Campos



Maestro Waldemar de Almeida, na sua juventude

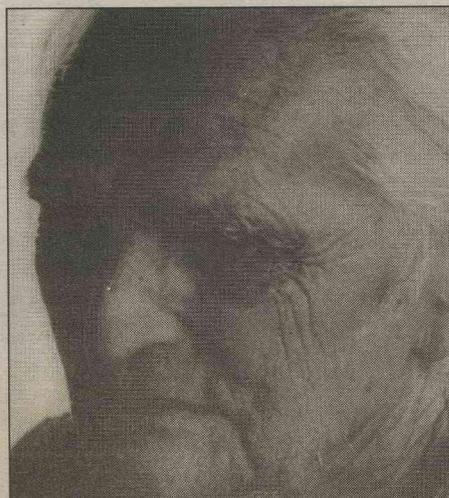
Centenário da Independência

O governo seguinte foi de Antônio de Souza que organizou uma grande festa para a comemoração do primeiro Centenário da Independência, em 1922. O teatro já estava bem organizado e conservado e Antônio de Souza contratou novamente o maestro italiano Luigi Smido que organiza uma grande orquestra no teatro e é contratado como regente da Banda da Polícia Militar. Mas no ano seguinte ele pediu demissão e foi embora.

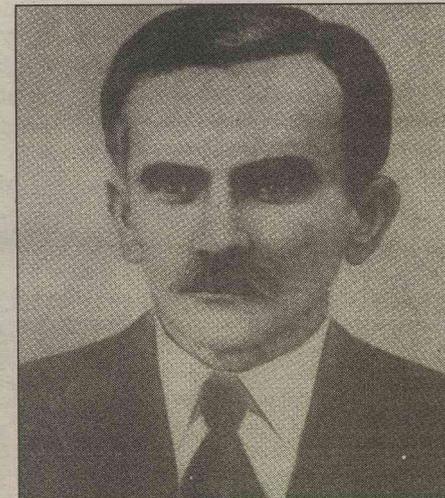
No governo do Interventor Bertino Dutra, em 1933, a pedido de diversos intelectuais da cidade, como o professor Severino Bezerra de Melo e Waldemar de Almeida, foi criado o Instituto de Música do RN que sustentou o ensino musical do estado durante muito tempo, até a década de 60, vivendo quase de esmolas e subvenções do Governo do Estado, graças ao entusiasmo de professores. Nunca teve uma sede própria, alugava casas desocupadas da cidade.

O diretor foi o maestro Waldemar de Almeida que já estava em Natal desde 1928. Waldemar tinha saído de Natal para fazer cursos no Rio de Janeiro, França e Alemanha. Quando voltou à cidade, participava de todas as atividades de música, chegando a montar o curso de piano Waldemar de Almeida, que se manteve até a década de 1940.

De acordo com o historiador Claudio Galvão, não havia como o Instituto se sustentar já que o governo do Estado não ajudava o suficiente. Mas a situação toma um outro caminho entre os anos de 1960 e 62, já com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O reitor Onofre Lopes fundou a Escola de Música do RN. "Hoje, a escola passou por uma evolução muito grande, até curso de pós-graduação tem, possibilitando ao músico norte-rio-grandense melhores condições para o músico sobreviver, até porque as novas tecnologias têm provocado uma grande mudança de hábitos. Hoje, tudo é mais fácil, até em casa você grava, basta apenas ter um computador", disse o historiador.



Felinto Lúcio Dantas, um gênio sertanejo da música do Rio Grande do Norte

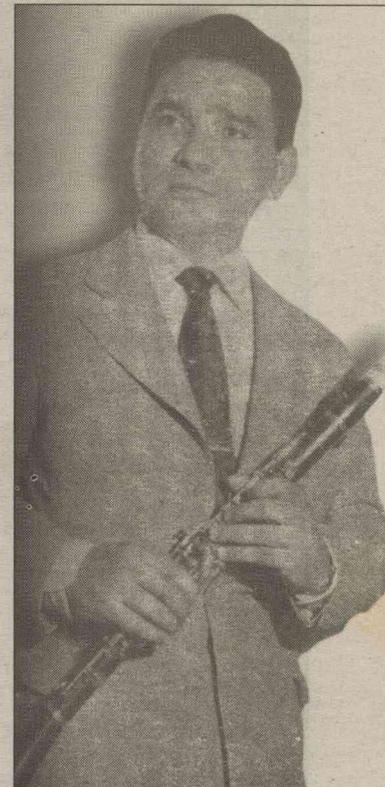


Tonheca Dantas, autor de Royal Cinema e outras valsas e dobrados famosos

Fotos : cedidas



Banda da Polícia Militar, em 1922, tendo ao centro o maestro Luigi Smido, nas comemorações do Centenário da Independência



Sebastião Barros, o K-Chimbinho, músico reconhecido em todo o país

A sobrevivência dos primeiros músicos

No segundo governo de Alberto Maranhão, Natal era uma cidade de muito pequena e os músicos viviam do que faziam. Para formar uma orquestra, eles teriam que ser remunerados e, para isso, teriam que ser profissionalizados, mas não havia profissionalização para a música naquele tempo. No máximo se tocava na Banda do Exército ou na Banda da Polícia e, nesta, no máximo se chegava a sargento. "Na Polícia não havia instrumento de corda, não havia violino nem violão, tinha que ser instrumentos de sopro. As despesas do Estado eram muito grandes e os recursos muito pequenos", conta o historiador Claudio Galvão.

No interior do Estado, muitos abnegados organizavam e mantinham suas bandas de música, às vezes até com a má-vontade de prefeitos. Isso ainda acontece hoje com muita frequência. O interior sofre muito com esse tipo de atitude de muitos prefeitos. Por outro lado, há também bandas belíssimas e de alta qualidade. A região do Seridó, por exemplo, é riquíssima em bandas de música. São os casos de Cruzeta e Carnaúba dos Dantas, praticamente todos os músicos trabalham por amor do que mesmo

por retorno financeiro. "Infelizmente, há a mentalidade de que Banda de Música é coisa para se fazer de graça porque os aplausos do público já são o suficiente. As bandas não têm um bom local para ensaio, não há manutenção de instrumentos, cujos concertos são caros porque são feitos por especialistas", ressalta Claudio Galvão.

Carnaúba dos Dantas foi a 'pátria mãe' de Tonheca Dantas, autor da música Royal Cinema, consagrada mundialmente. Tonheca tinha grandes músicos na família, como o seu primo Felinto Lúcio Dantas que foi reconhecido um grande nome de nossa música. "Quando lhe perguntavam quantas músicas ele havia escrito, simplesmente respondia que era mais de 100 e menos de 1000. Agora pergunta-se: quem pagava a Felinto Lúcio para escrever, para reger e organizar bandas nos municípios de sua região? Ninguém, ele fazia isso tudo por abnegação e amor à música e à terra. Felinto era o modelo do regente do interior. Era agricultor, vivia da agricultura e quando chegava em casa da roça, cansado e com a enxada nas costas, tomava um banho e ia organizar o ensaio da banda e ensinar música aos meninos da cidade. Esses homens faziam

isso apesar da falta de reconhecimento e apoio dos poderes públicos", disse.

Para o professor Claudio Galvão, o que se faz hoje é muito 'enlatado', bem diferente do que se fazia na Rádio Educadora de Natal (REN) que antecedeu a Rádio Poti, a pioneira, onde havia programas de auditório superlotado. Diariamente, o natalense presenciava apresentações de artistas locais nacionais e até do exterior. Depois veio a rádio Nordeste que edificou um belíssimo auditório na rua João Pessoa, construído para competir com a rádio Poti que, por sua vez, era o maior auditório de rádio no Brasil. O auditório da Rádio Nordeste era bem mais luxuoso que, depois, com a decadência dos programas de auditório, cedeu lugar ao Cinema Nordeste que foi o primeiro com ar-condicionado e com som estereofônico, uma acústica espetacular.

O SUCESSO VEM DE FORA

Os grandes músicos do Rio Grande do Norte alcançaram sucesso fora do Estado. Uma exceção foi Glorinha Oliveira que, apesar de ser uma grande musicista, não saiu de Natal. No tempo dos grandes sucessos nacionais em 78 rotações, se Glorinha tivesse ido para o Centro-Sul teria feito um



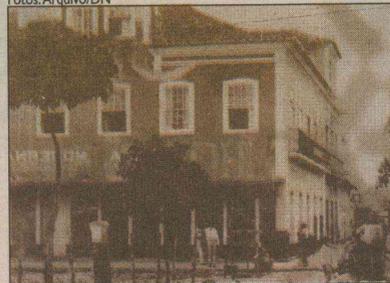
Pianista Oriano de Almeida consagrado intérprete da música erudita

sucesso extraordinário.

Um natalense e grande clarinetista e saxofonista que começou na REN e estourou no Rio de Janeiro foi K-Chimbinho, fez curso superior de música e depois se dedicou à composição, instrumentação e orquestração, tornando-se maestro; Aldo Parisot saiu para Recife,

para a Rádio de Pernambuco e para o Rio de Janeiro. Depois foi à Europa e Estados Unidos; Paulo Tito voltou a Natal, mas saiu daqui e teve uma carreira enorme nas estações de rádio do Rio de Janeiro. Outros que saíram daqui foram os Trios Irakitan e Maraiá, que jamais venceriam em Natal.

Fotos: Arquivo/DN



A rua Chile, na Ribeira, o centro comercial



O trilhos do bondinho da Avenida Tavares de Lira



O cais da Tavares de Lira e o rio Potengi



A tradicional Rampa, um 'point' na II Guerra



Wonder Bar, famoso ponto da Ribeira antiga

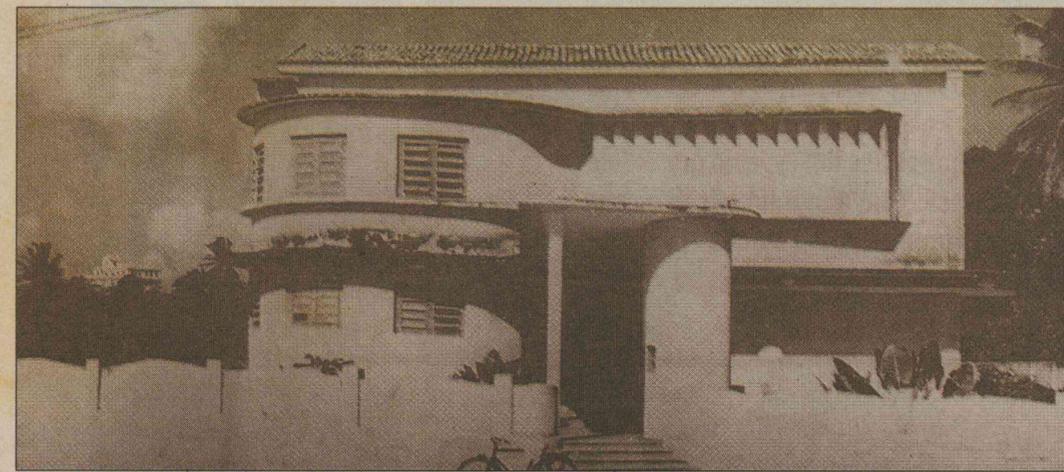


A Tavares de Lira reunia os intelectuais de Natal

A PRESENÇA DOS AMERICANOS INFLUENCIANDO A MÚSICA E A CULTURA DOS POTIGUARES DEVIDO A II GUERRA



A avenida Tavares de Lira, na Ribeira, onde se ouvia as notícias da guerra pelo serviço de alto-falantes de Luiz Romão



Antiga fachada da Rádio Educadora de Natal (REN), hoje Rádio Poti, onde havia programas de auditório com cantores nacionais e locais

Natal, antes e depois da Guerra

EIDER FURTADO
ESPECIAL PARA O DN EDUCAÇÃO

A Segunda Grande Guerra, que abalou o mundo com a insanidade dos atos de Hitler, deve ter sido um divisor na vida e na história de Natal. Antes, uma cidade pacata, provinciana, com as desigualdades sociais não muito acentuadas, mas retratando em tudo a tranquilidade de uma gente que se irmanava nos seus hábitos, nos seus costumes. Depois, uma cidade em franco crescimento, num desencontro de alguns idiomas, de hábitos e costumes transformando a humildade de sua gente. Essa transformação, normal em situações semelhantes, iniciou-se durante aquela conflagração mundial e assumiu ares novos na medida em que, nos campos da velha Europa ou da empobrecida África, a guerra deixava seus terríveis efeitos, destruindo cidades, dizimando povos pacíficos, secando, pelo sofrimento, os olhos de viúvas e órfãos que não voltariam a ver seus maridos ou seus pais.

Essas transformações atingiram todos os setores de nossa vida, sem dúvida.

Atingiram, também, a música que se cantava ou que simplesmente se tocava, fruto da inspiração dos poetas. Até que ponto verdadeiras poesias como "Praeira", de Ottoniel Menezes, e Eduardo Medeiros, e "Luar do Sertão" de Catulo da Paixão Cearense, ou monumentais obras como "Royal Cinema", de Tonheca Dantas, resistiriam as investidas da música popular norte-americana e seriam deixadas para trás?



Advogado e jornalista Eider Furtado

Natal não tinha a sua música típica. Mas cantava ou fazia tocar a música popular, verde amarela, romântica como uma "Sertaneja", a valsa que Orlando Silva, no ponto alto de seus sucessos, etemizou porque era um pedaço de amor e de brejeirice; alegre e saltitante como um "Tico Tico no Fubá", o chorinho que a rainha Ademilde Fonseca, gente nascida na tranqüila Solidão - um pedaço de Petrópolis e do Tirol, bairros que surgiram com o crescimento da cidade -, cantava com peculiar personalidade.

A guerra trouxe para Natal os militares do Tio Sam. Daqui, do apelidado "Trampolim da Vitória", ponto de transição entre o ruído ensurdecedor dos motores de aviões preparados para as batalhas em defesa da humanidade e o gargalhar das mortíferas metralhadoras ou o troar terrível dos canhões dos campos de luta em terras além do Atlântico, eles partiam para as difíceis missões. E, se os trouxe nessa transição, não escapou da fixação de seus hábitos, de seus costumes, de sua alegria. Com eles, também, mais intensamente o ritmo do foxtrot, do swing, do blue. Foi isso o que se passou a ouvir ou a dançar.

Caminhar para o front não é o mesmo que mandar para a morte. Mesmo que a vida se tome insegura. Por isso, os soldados norte-americanos, na pausa feita na sua longa viagem pelos ares dos Estados Unidos para as nações africanas, encontravam em Natal, além de ruas largas vividas por sua gente acolhedora, dois clubes - um na Ribeira, na Praça

Augusto Severo, onde funcionara antes o velho cinema Politeama, e outro na Av. Getúlio Vargas, quase no cruzamento desta artéria com a Rua Desembargador Dionísio Filgueira. Para esses clubes, marinheiros, aviadores e soldados de terra daquele país amigo, convidavam moças da nossa sociedade para juntos dançar ao som de suas músicas, às quais já se familiarizavam as nossas orquestras. E, dentro dos padrões militares daquele país aliado, claro que imperavam os ritmos que faziam internacional a música dos Estados Unidos.

Por isso, muito natural que nossos autores sofressem a influência desses ritmos nas suas composições. Porque esses os ritmos que se ouviam nas "eletrolas" de nossos bares ou nas das casas das mulheres da difícil vida fácil, porque eram as músicas cantaroladas por soldados de outras terras que se colocavam a serviço da democracia no combate ao nazi-fascismo. Imaginem que até eu, ao compor pela primeira vez em 1942, uma música, dei à minha produção "Sozinho", o ritmo do blue.

É interessante notar que essas incursões da música yanque em Natal mais se fizeram sentir a partir da inauguração da então Rádio Educadora de Natal, a REN, ou seja, a partir do dia 29 de novembro de 1941, quando seus programas ao vivo ou com utilização de discos foram jogados nas ondas sonoras. Mesmo que a maioria dos que integrava "11 o seu 'cast' cantasse música genuinamente brasileira, a música norte-americana constituía a pauta dos programas da Orquestra de Jazz e a de uns dois ou três cantores que se valiam do idioma norte-americano para marcar sucesso. Não bastasse isso, claro que vários autores brasileiros davam às suas composições os marcantes ritmos do fox, do blue ou do swing. Era muito natural que isso acontecesse porque, na cabeça de letristas e de instrumentistas, a música não tem fronteiras para ser tocada ou cantada. Prova disso são as bonitas versões brasileiras dadas a belas músicas norte-americanas. Eu mesmo escrevi, por muito tempo, uma crônica, retrato de vida da cidade, para ser lida no encerramento da programação de cada dia da REN, tendo com fundo musical o blue "Smoke Gets In Your Eyes".

Para se formar melhor juízo a respeito da invasão da música estrangeira, vale lembrar aquele episódio que, cessados seus efeitos, chegou a ser pitoresco. O discotecário da emissora, que nada entendia de idiomas estranhos ao seu, programou uma música estrangeira sem atentar para a sua procedência. Pois essa música era, simplesmente, o hino alemão. Mal a melodia ganhou o espaço, a rádio foi tirada do ar pela ação de uma patrulha do exército, sendo presos, sem o menor aviso, o discotecário, o locutor do horário e o operador de áudio. Notícia corrente na cidade: aquela música era a senha que orientaria os alemães no bombardeio de Natal. O diretor da rádio, o conselheiro Carlos Lamas, chileno, teve uma luta desesperada para provar às autoridades que o fato não passava de um lamentável equívoco. Até mesmo da ignorância de quem elaborara o programa musical.

Isso não quer dizer que só se ouvia música norte-americana em Natal. Depois da inauguração da REN, não era incomum a apresentação de artistas do imenso "broadcasting" nacional, os grandes astros do rádio. Tanto que, enquanto lá no velho mundo falavam mais alto as armas da guerra, se apresentavam na nossa cidade, trazidos pela emissora associada, Linda e Dircinha Batista, Silvio Caldas, Nelson Gonçalves, Isaurinha Garcia, Nora Ney, Jorge Goulart, Osny Silva, Dilu Melo, Hebe Camargo, Vicente Celestino, Trio de Ouro com Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Gilberto Alves, Ciro Monteiro, Odete Amaral, a divina Elisete Cardoso e muitos outros, para não falar na "prata de casa" que não ficava nada a dever aos que do sul do país aqui se apresentavam.

Este assunto não se esgotará neste pedaço de página. Mas uma coisa é certa: nossa música popular, naturalmente, sofreria, no tempo da Segunda Guerra Mundial, particularmente em Natal, a influência norte-americana, na formação de suas orquestras, na eleição do repertório de seus cantores, na composição de seus letristas e instrumentistas. Graças a Deus, a música é universal por sua natureza. O idioma com o qual se apresenta constitui, apenas, um detalhe. E se assim aconteceu com a música, da influência yanque nos valem para mascar chiclets, para vestir o slack e a imitar outros de seus costumes. Só não atirávamos dólares para o alto, para ver a meninada disputá-los bravamente, porque continuávamos a ser uma gente sem dinheiro...



Genar Wanderley, Eider Furtado e um sargento americano na antiga Rádio Educadora de Natal



O autor de Tico Tico no Fubá, música tocada na década de 1940: Ari Barroso e Elizeth Cardoso



Glorinha Oliveira no auditório da REN



Ademilde Fonseca, a Rainha do Chorinho



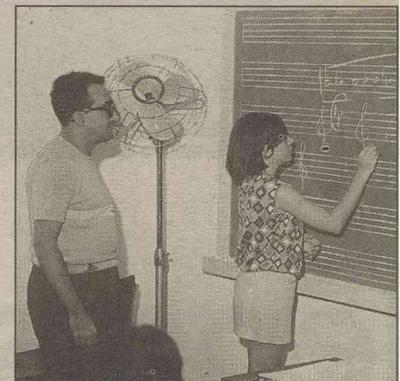
Hebe Camargo em apresentação em Natal



Luiza Maria Dantas administrou a Escola de Música durante 13 anos



O reitor Onofre Lopes criou a Escola de Música da UFRN



Sala de aula da Escola de Música

OBSTINAÇÃO A IMPORTANTE HISTÓRIA DA ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN

Há 44 anos fazendo arte e semeando a cultura musical

Fundada em 1962 pelo reitor Onofre Lopes, a Escola de Música da UFRN nos seus 44 anos de existência tem demonstrado a sua importância para a divulgação da cultura musical junto à comunidade, formando ao mesmo tempo um público consumidor da arte, e habilitando instrumentistas e candidatos ao Curso Superior de Música. A escola teve como primeiro diretor o músico Waldemar de Almeida, que o próprio nome já bastava para dar uma representatividade muito grande à escola.

Inicialmente funcionou na Avenida Floriano Peixoto nº 336, esquina com a Rua Seridó, onde hoje funciona o IPREVINAT. Depois foi transferida para a Praça Pedro Velho, 397, onde atualmente está a Casa dos Plantadores de Cana. Em seguida, mudou-se para a Rua Mipibu, 419, onde antigamente existia a Escola de Engenharia. O novo prédio do Campus Universitário foi obra da obstinação do ex-reitor e professor

Daladier Cunha Lima que assumiu o desafio encarando a construção do prédio como prioridade na sua administração.

A Escola de Música tem pautado sua atuação com uma didática moderna e especializada, não ficando a dever a nenhuma escola de música dos estados mais adiantados. Prova disso é que em 1968 ela foi considerada pela Ordem dos Músicos do Brasil (seção Rio de Janeiro), como umas das três melhores do País. Durante a gestão da diretora Luíza Maria, a escola passou a integrar o Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atualmente Centro de Ciências, Humanas, Letras e Artes, pelo Decreto de nº 62.091, de 09 de janeiro de 1968.

Em todo esse tempo, vários eventos que repercutiram na cidade foram desenvolvidos pela escola como Semanas de Música, cursos intensivos e de especialização, concertos, festivais universitários de MPB, encontro

de Bandas Militares, visitas a colégios de Natal, excursões a outros estados, intercâmbio de ensino para o exterior, entre outros. Em Música de Câmera, a Escola sempre se destacou pelos inúmeros conjuntos de duas, trios, quartetos e quintetos, no início sob a orientação do professor Juarez Jonhson (música erudita), do maestro Clóvis Pereira e do professor Prentice Mulford Bulhões (música popular).

O Madrigal, regido pelos Professores Padre Pedra Ferreira e José Alberto Kaplan, foi detentor de vários títulos nacionais e internacionais. Durante a gestão de Luíza como diretora e na gestão do reitor Genário Alves Fonseca, foi gravado no Rio de Janeiro, o primeiro LP do Madrigal da Escola de Música, pela Tapeçar Gravações. O novo Madrigal, hoje, é regido pelo Professor André Luiz Muniz Oliveira, que continua honrando o prestígio deste já famoso grupo vocal.

Segundo Luíza Maria, vários profes-

sores e alunos da escola já foram laureados em Concursos Nacionais e Internacionais, trazendo para o Rio Grande do Norte primeiras colocações. Vale também lembrar a Orquestra da Escola de Música da UFRN (de 1968 a 1971), regida pelo Maestro Clóvis Pereira. Mas a Escola de Música, conta a professora, não ficou com o seu trabalho de ensino só em Natal. Em 1968-1975, através do CRUTAC-RN, expandiu-se na zona do Trairi, com sede na cidade de Santa Cruz - RN, onde passou a formar, no Clube Trairi, alunos, levando música para o interior do Estado com o slogan: A Universidade vai ao povo através da arte.

Situada na rua dos Pássaros dos Girassóis no Campus Universitário, a Escola de Música da UFRN é, na opinião da ex-diretora Luíza Maria, uma escola modelo para o País, não apenas na beleza arquitetônica de seu prédio, mas em termos de espaço físico e conteúdo programático. Com a construção de uma sede mo-

terna e mais ampla foi possível aumentar o número de cursos e matrículas de alunos, além da ampliação dos departamentos, biblioteca e do auditório. "A Escola de Música deve muito a dois grandes ex-reitores da UFRN, o primeiro foi o Profº Onofre Lopes, fundador da escola e depois ao Professor Daladier Pessoa Cunha Lima que construiu uma escola que reputo ser a mais bonita e de maior espaço físico do país", concluiu.

PROFESSORES FUNDADORES:

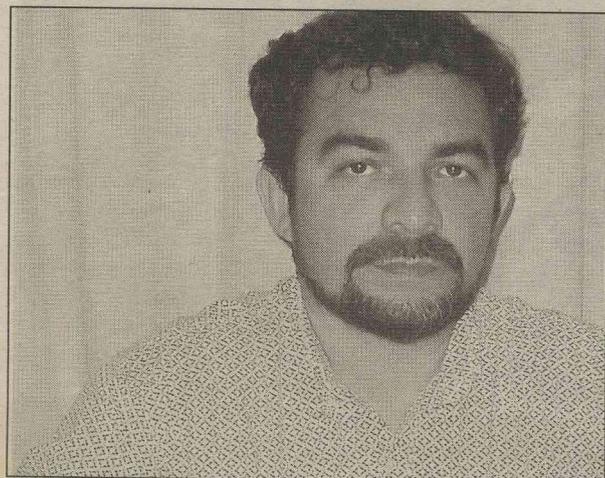
- Waldemar de Almeida (Diretor),
- Rivecca Mandel Fried,
- Luíza Maria Dantas Cavalcanti,
- Marluze de Almeida Romano,
- Nilda Guerra Cunha Lima,
- Maria de Fátima Brito

Fotos: Arquivo/DN

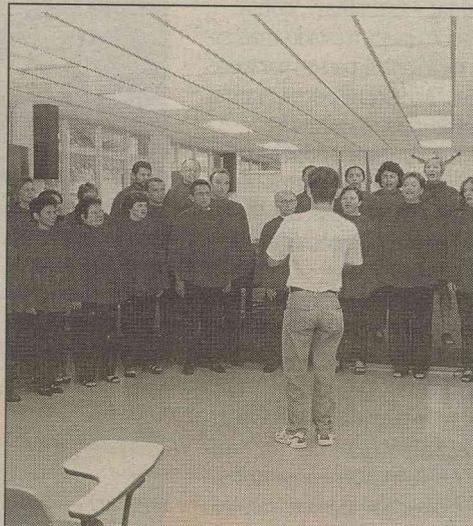
A Escola de Música da UFRN



Fachada e sala de aula da Escola de Música da UFRN, situada no campus universitário, no bairro de Mirassol. Abaixo está a foto do coral Madrigal da universidade



Professor Airton Guimarães, diretor da Escola de Música



O ensino da arte através da música, tão defendido pelo mestre Villa Lobos, tem uma importante ramificação em Natal. É a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que há 44 anos cresce sua atuação nas diversas faixas etárias e segmentos da sociedade potiguar. Atualmente atende uma enorme demanda nos cursos básicos de iniciação artística e musicalização. São cerca de 500 alunos, respectivamente. O bacharelado, a licenciatura e o curso técnico giram em torno de 1000 alunos.

A escola possui cursos técnico, licenciatura e bacharelado em música, e ainda mantém a área de extensão alcançando a faixa etária infantil, a partir dos 7 anos, nos cursos de iniciação artística, musicalização (a partir dos 9 anos de idade) e os básicos que atendem a toda a clientela, independente de faixa etária. Podem participar do curso de iniciação artística até as pessoas da terceira idade, inclusive cego, surdo e mudo.

Professor da Escola de Música desde 1998, o atual diretor Airton Guimarães, chegou no momento da implantação do curso de bacharelado, quando a escola era apenas uma unidade suplementar vinculada ao "CCHLA". Na época, todos os cursos básicos e de iniciação artística, além de musicalização eram de extensão. A graduação deu um novo perfil com a criação da formação em nível superior. Nesse mesmo ano, também foi instalado o curso técnico em música que estimulou a diversidade de formações.

Em 2002, a Escola de Música passou a ser uma unidade acadêmica especializada, tendo a mesma estrutura de um Centro, podendo comportar vários cursos diferentes. Em 2005 foi criado o curso de licenciatura em música, no turno noturno, abrindo uma nova perspectiva de trabalho para a escola que sempre funcionou durante o dia. "Hoje temos curso de manhã, tarde e noite, alcançando as diversas faixas etárias e ainda temos a perspectiva de criar uma base de pesquisa com uma pos-

sível pós-graduação", disse.

Para o diretor Airton Guimarães trabalhar com música não é fácil e, no Brasil, é mais difícil ainda, porque é complicado se manter uma estrutura física e de equipamentos apropriada para o aluno aprender música. No nosso caso, recebemos um orçamento diferenciado e isso é muito positivo, mas mesmo assim é difícil.

CONHECENDO O BACHARELADO E A LICENCIATURA

O curso de bacharelado em Música forma o músico instrumentista para atuar nas orquestras sinfônicas ou em outros grupos. A Orquestra Sinfônica do RN possui, em seus quadros, uma porcentagem bastante significativa de pessoas formadas em Natal, o que o diretor Airton Guimarães considera importante, haja vista a grande quantidade de profissionais sazonais que passavam temporadas no estado. O último concurso da orquestra, que aconteceu no final de 2005, aprovou entre 13 alunos da Escola de Música, criando um novo perfil para a própria orquestra.

O curso de licenciatura forma educadores para atuação em sala de aula de escolas públicas e privadas. Atualmente, dentro da universidade, nós temos a estrutura com maior número de disciplina por curso. O curso de licenciatura foi uma novidade e criou uma necessidade de uma estrutura diferenciada. "Nós temos turmas em torno de 40 a 45 alunos e não temos salas apropriadas. Hoje tem-se uma estrutura gigantesca mas o quadro continua quase o mesmo. Precisamos também aumentar a parte física da escola que expandiu muito em relação aos quadros docentes", ressaltou o diretor.

Já o estudo de instrumentos é um curso diferenciado, é um curso de música dentro do mesmo curso, o que nos faz encontrar alunos que fazem: bacharelado, contrabaixo, bacharelado, violino, todos esses instrumentos são específicos que o aluno escolhe na hora da entrada. Para isso, ele faz uma prova específica.

Vista da Rampa, no bairro de Santos Reis, onde os soldados americanos se divertiam na época da II Guerra

AS MARCAS DA II

GABRIELA FREIRE
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), ou a 'Grande Guerra', foi o conflito que causou mais vítimas em toda a história da humanidade.

Durante esse período Natal perdeu a inocência típica de uma cidade de beira de praia e se transformou em base aliada dos americanos dando suporte às ações destes no continente africano. O foco principal era a Base Aérea localizada em Pamamirim mas, toda a população papa-jerimum, sentiu os efeitos da 'invasão' norte-americana.

Ao longo dos anos que sucediam o conflito, milhares de militares norte-americanos ocuparam a cidade. Só para termos uma idéia mais concreta da 'invasão', no início da década de 1940, a população de Natal era estimada em 55 mil habitantes. Dez anos passados, mesmo depois da retirada dos militares norte-americanos da cidade, a estimativa de habitantes já era de mais de 100 mil. Seria impossível "sobreviver" a tudo isso sem ficar com marcas. Essas marcas que os americanos deixaram permaneceram no dia-a-dia dos natalenses até os dias atuais.

Vai desde as avenidas 1, 2, 3, e demais, no bairro do Alecrim, até a personalidade do potiguar: um povo conhecido pela sede do novo. O cantor e compositor potiguar Paulo Tito, 77, um dos cantores da famosa Orquestra Tabajara, adorada pelos fãs da Rádio Poti, lembra que, com o fim da guerra e retirada dos americanos da cidade, "foi um bando de menino loirinho dos olhos azuis nascendo lá pelo bairro das Rocas, que não tinha mais pra onde ir". Entre as tantas marcas deixadas e já enraizadas na cidade, falaremos aqui da influência imposta na nossa música.

Imposta já que, a presença americana era tão forte e despertava tamanha admiração nos humildes potiguares, a novidade importada se tornara, naquele momento, muito mais atrativa. Para a



Macrino, nos controles da Rádio Poti

pesquisadora musical Leide Câmara a música potiguar foi influenciada mas também influenciou muito. "Muitos músicos potiguares deixaram o estado para estudar música em outras cidades e lá mostravam o que sabiam fazer. O Rio Grande do Norte era um estado de grandes 'modinheiros' (compositores de modinhas) e os que tinham algum dinheiro iam para o Rio de Janeiro e São Paulo, estudar e trabalhar", conta.

Antes do início da Grande Guerra o estado, mais especificamente Natal, por ser a capital, passou por várias fases, explica Leide Câmara. "No início do século eram as serenatas. Essa foi a época de exímios violinistas:

Macrino (de Açú), Uriel Lourival e Eduardo Medeiros (multinstrumentista que, entre outros trabalhos, musicou o poema de Othoniel Menezes, Praieira), só para citar alguns exemplos'. E prossegue. "Isso foi por volta da década de 1920.

Depois, na década de 1930, tinham as modinhas e, com o fornecimento da energia elétrica para todos, a música teve um grande impulso e se popularizou muito mais. Paralelamente a essa revolução, essa época foi marcada pela forte influência européia no comportamento do potiguar. Era a época em que todas as casas nobres tinham um piano. Foi quando se destacaram vários pianistas na cidade", conta.

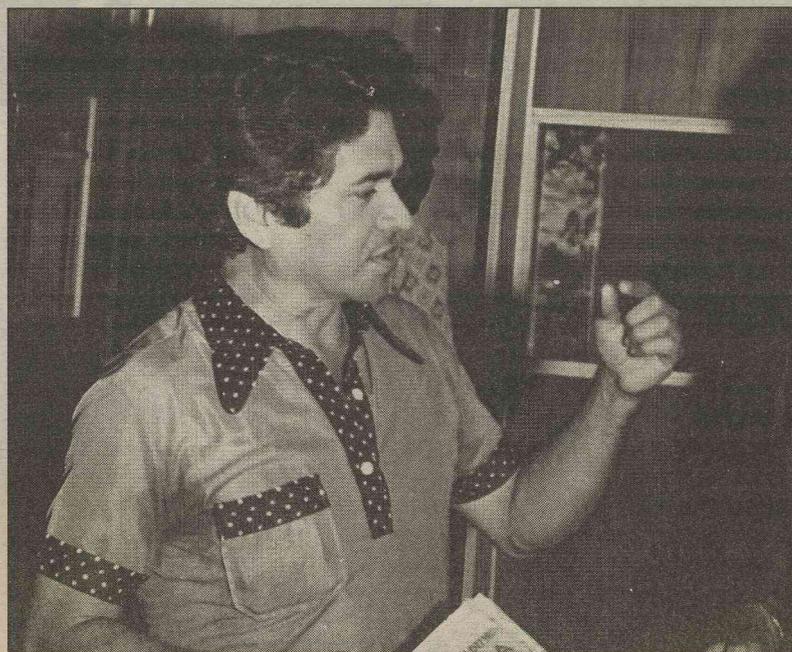
Forró: um capítulo à parte

Um episódio da época da Segunda Guerra Mundial, merecedor de um espaço próprio, é aquele referente ao surgimento do termo "forró". A origem do termo possui versões que divergem entre si. Uma dizem que surgiu em Recife, outra, em Natal. Essas duas dizem respeito aos bailes que os estrangeiros - em Pernambuco os ingleses e em Natal os militares americanos - promoviam e eram abertos a todas pessoas, "for all". Expressão que com o aporuguesamento, deu origem ao termo forró. Para o organizador de uma das festas de forró mais concor-

ridas de Natal e estudioso sobre o tema, Marcos Lopes, essa versão não passa de um lenda.

"Só para termos uma idéia, 'forró' era o espaço onde se dançava o xote e o baião", conta. E explica: "O forró não tem nada a ver com a expressão for all. O termo veio dos africanos e não tem nada ligado com os ingleses ou americanos. Essa história não passa de boato", conta.

Embora algumas pessoas se divirtam com esse boato, pesquisadores se dedicaram seriamente ao tema para descobrir a real origem do termo. O termo não passa de uma abreviatura de 'forróbodó'

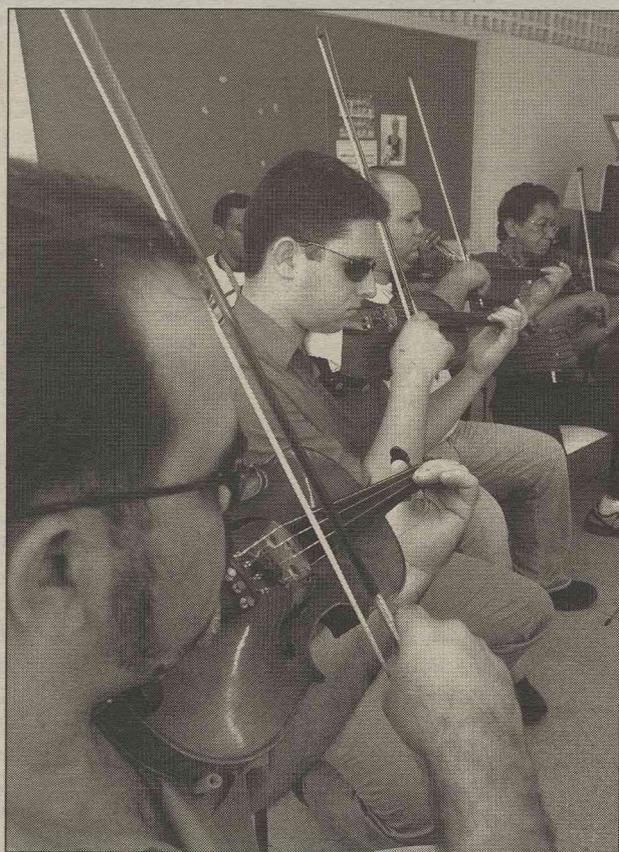


O cantor Paulo Tito pegou as estradas do Rio de Janeiro onde fez sucesso

ALTERNATIVA OFICINA DE MÚSICA GARIBALDI ROMANO FUNCIONA HÁ 22 ANOS



Um verdadeiro celeiro das possibilidades



O local conquistado não é dos mais silenciosos, literalmente. Os automóveis e pedestres que transitam sem parar pela Avenida Prudente de Moraes e Rua Trairi formam sons constantes e desagradáveis, mas que fazem parte do cotidiano de alunos e professores da Escola Estadual Anísio Teixeira, no bairro de Petrópolis. No entanto, mesmo com toda essa turbulência, nada atrapalha a música que ecoa dos delicados instrumentos da Camerata Garibaldi Romano, nem tampouco das suaves vozes dos meninos e meninas que formam o Coral Anísio Teixeira.

Os dois grupos fazem parte da Oficina de Música Maestro Garibaldi Romano, que há 22 anos realiza seus ensaios numa sala de aula da escola, atendendo alunos da instituição como atividade opcional da disciplina Educação Artística. E tudo na base de muito profissionalismo e dedicação, somado ao fato de que a Anísio Teixeira é a única escola do Rio Grande do Norte a proporcionar atividades de música vi-

sando a formação integral dos estudantes.

Atualmente, participam das atividades da Oficina 90 alunos, onde, além da Orquestra e do Coral, aprendem iniciação musical, técnica e expressão vocal, percussão, violino, violoncelo, viola, soprano e piano sob os cuidados de profissionais, que, longe dos princípios rígidos das orquestras sinfônicas, realizam um trabalho de cunho educativo e de transformação social.

Contudo, a importância do projeto não pára por aí. Além da proposta de incentivar através da música o gosto pelas manifestações artísticas com enfoque profissionalizante, o principal objetivo da Oficina de Música é o resgate de hinos, canções e bandinhas populares, motivos de orgulho de Zuleika Romano, idealizadora do projeto e incentivadora nata da boa música.

À frente da regência do Coral e professora de Técnica Vocal da escola, Zuleika prima pela excelência dos trabalhos e estimula a participação dos grupos através de

concertos didáticos em escolas e solenidades das mais diversas, divulgando, principalmente, o hino do Estado. "Nossa principal participação é durante a Semana da Pátria, quando, a cada ano, trabalhamos com uma banda de música de uma Força Armada", ressaltou.

Zuleika enfatiza ainda que o projeto é único no Estado com esse intuito cívico. E, acima de tudo, está presente dentro de uma instituição pública de ensino. "Mais do que isso, é resgatar uma parte da nossa história, da história do nosso estado e do nosso povo, dando oportunidade a outras pessoas de conhecer o que quase não se ouve, que é o nosso hino".

Mas, não são apenas temas patrióticos que integram o repertório da Oficina. Segundo Zuleika, não existe um estilo moldado. "Aqui vai ao gosto do aluno, ou seja, do clássico ao popular. E mais importante ainda, é um projeto que influencia os alunos a viverem. Logo, eu os preparo para a vida", vibrou.

Vocação que veio do berço



Aos sete anos apenas, Zuleika Romano começou a estudar música com o maestro Waldemar de Almeida e com o patrono da Oficina, Garibaldi Romano, seu tio. Na família de seu pai, cada um tocava um instrumento. Daí, surgiu o gosto pela música. Mesmo assim, de oito irmãos, somente Zuleika despertou interesse pela carreira. "Continuei no Instituto Waldemar de Almeida e depois com o maestro Garibaldi Romano, que me ensinou a parte de Coral, inclusive dou continuação às partituras que ele me deixou", explicou.

Zuleika não parou, e cursou Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mesmo tendo exerci-

do por 25 anos a função de diretora da Escola Estadual Alberto Torres, durante todo esse tempo, exercia atividades com corais. "Me aposentei como diretora e fui para a Orquestra Sinfônica do Estado, onde assumi a direção ainda no período de sua criação. Lá, continuei trabalhando com música", disse. Dessa forma, Zuleika exerce cargo de confiança na Secretaria de Educação há 46 anos, sempre envolvida com música.

Hoje, seu trabalho está inteiramente voltado à Oficina de Música do Anísio Teixeira, criada oficialmente em 5 de Abril de 1985. Zuleika está à frente de um dos mais importantes projetos envolvendo música e educação no Estado, um trabalho que, segundo ela, está apenas no começo. "Este é um projeto que, com vontade e amor, tende a dar sempre certo", concluiu.



A professora Zuleika Romano está à frente da Oficina de Música na Escola Estadual Anísio Teixeira

História da Oficina

O que tem a ver Iaperi Araújo com o projeto musical desenvolvido na Escola Estadual Anísio Teixeira? Afinal, Iaperi é médico e chefe do Departamento de Ginecologia da UFRN, além de que costuma se definir como "pouco entendido de música". Na verdade, Iaperi tem muito a ver com o projeto, até porque foi ele quem fundou a Oficina de Música Maestro Garibaldi Romano.

Tudo começou quando foi convidado a assumir a supe-

rintendência do Teatro Alberto Maranhão, função que exerceu de 1983 a 1987. Nesta época, disse, o Teatro e a Orquestra Sinfônica do Estado pertenciam ao quadro da própria Secretaria do Estado da Educação, mas, com a mudança de Governo, houve uma decisão de passar os dois para a Fundação José Augusto. "A Orquestra, então, fez um remanejamento de músicos, e a Secretaria levou para a Fundação somente os músicos que queria. O restante foi devolvido para a Educação, ficando sem atividades", explicou.

Dessa forma, Iaperi sugeriu à professora Zuleika Romano, que até então coordenava as atividades da Orquestra Sinfônica, que recomendasse ao Secretário a criação de uma Camerata, cujo objetivo seria tocar em escolas, realizando um trabalho de resgate de hinos, canções e bandinhas populares. E assim se deu o início do projeto, apenas com a pequena orquestra.

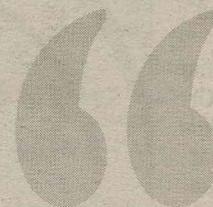
Na medida em que a Camerata fazia seus ensaios sem lugar fixo, acabou descobrindo a Escola Estadual Anísio Teixeira, onde a orquestra se fixou e hoje tem disponíveis dois ambientes: uma sala de aula e o auditório da instituição. "Foi quando se iniciou um trabalho com os alunos da escola, a princípio com aqueles que já tinham certo conhecimento com algum instrumento. Era feita uma reciclagem e inserção na Camerata, que depois veio a se tornar a Oficina de Música, tendo como bônus a dispensa das aulas de Educação Artística", disse.

De acordo com Iaperi, que acompanha de perto os trabalhos da Oficina desde o seu surgimento, muitos alunos que passaram pelo projeto são, hoje, músicos profissionais. "Eles tiveram a oportunidade de dar continuidade à sua vocação na Camerata e, posteriormente, fizeram concurso e hoje estão integrando a Orquestra Sinfônica do Estado ou tocando nos bares da vida. Considero a Camerata muito importante e acho uma pena que seja apenas uma".

Dr. Iaperi Araújo acredita que a música seja um instrumento fundamental no propósito de transformação social. Na sua opinião, cada escola deveria fomentar um projeto de incentivo musical. "Na medida em que é mostrado um projeto como esse nas escolas, está dando a oportunidade de o indivíduo conhecer e entender o porquê da coisa. Na medi-

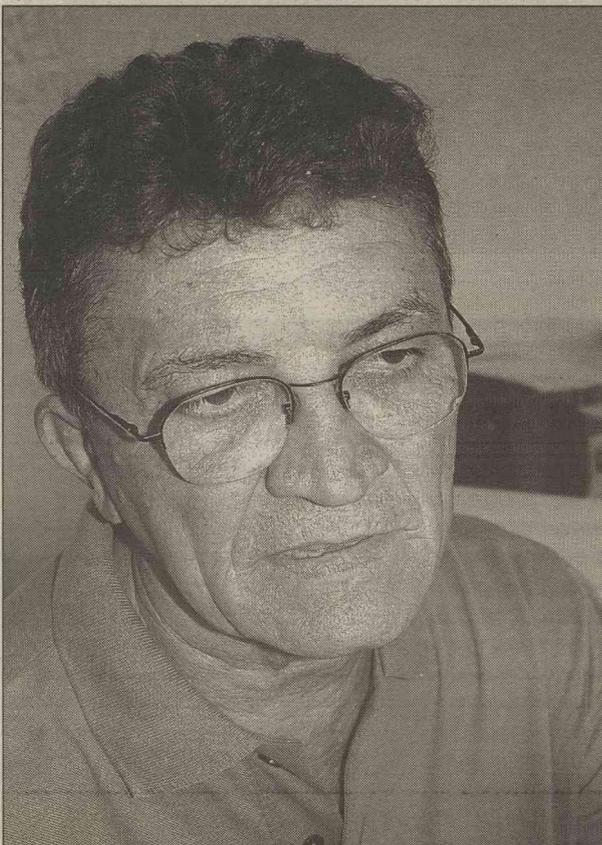
da em que se leva um projeto como esse para dentro da escola, é como se colocasse a comida no prato, ou seja, se a orquestra estiver dentro da escola, o aluno vai se sentir motivado a participar".

Para o médico, a Escola Anísio Teixeira é privilegiada por ter, além de um Coral, uma Camerata. "Esta é a única. Mas, ter um coral é muito simples. Basta um músico para ensinar a iniciação musical. E não precisa ser necessariamente música. Bastaria às escolas possuir uma pessoa para ensinar pintura, teatro, salas de leitura. Não é querer que ninguém saia profissional, mas que saiam pessoas com sensibilidade para admirar a arte, para conhecer a arte, e com isso modificar a sua vida", concluiu.



A música é um instrumento fundamental no propósito de transformação social. Cada escola deveria fomentar um projeto de incentivo musical

Iaperi Araújo
Médico e escritor



A música



ORIGEM A CULTURA DE RAIZ COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA DO POVO POTIGUAR

que vem dos Mestres



Mestre Cícero da Rabeca



Mestre Cícero da Rabeca



Mestre Cícero da Rabeca

ADRIANA AMORIM
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

Mestres de culturas diversas, que há décadas fazem ritmos e sonoridades de sua região, permaneceram e inspiraram novos artistas. Eles trazem a herança de seus ancestrais, mantendo o costume de receber e repassar seus conhecimentos de geração a geração. Hoje, principalmente, as políticas públicas governamentais, sob forte pressão do Terceiro Setor, bem como ações de responsabilidade social promovidas por grandes empresas estão, cada vez mais, preocupadas no resgate das tradições e saberes populares, especialmente porque estes têm sido reconhecidos como parte da identidade brasileira sob o registro de Patrimônio Imaterial.

Do Rio Grande do Norte, uma figura marcante da tradição oral é o Mestre Manoel Marinheiro e seu Bois de Reis. Manoel, que dedicou quase 60 anos a essa cultura, foi um daqueles artistas hereditários, com a cultura herdada no berço. Ele aprendeu o "brinquedo" do Boi de Reis com o pai, que já havia aprendido com o avô.

Hoje, Odaíza Galvão e Neidinha de Pontes, viúva e filha do Mestre, respectivamente, são os herdeiros que comandam o folguedo, tradição que vem da Península Ibérica e que reúne música, teatro e dança num mesmo espetáculo.

O fato é que muito se fala em preservar as tradições dos nossos antepassados, mas pouco se explica tal importância. Historicamente, no Brasil, existe uma lacuna que ainda desconhece e valoriza a sua história e a importância das matrizes culturais que construíram o País através de seus fazeres, dizeres e pensares, ou seja, a sua cultura.

Visando compreender esse processo de valorização da cul-



Mestre Cícero da Rabeca toca seu instrumento e faz um trabalho que tem divulgado o folclore do RN

tura de origem, o DN Educação foi conhecer de perto uma ação cujo principal objetivo é a preservação e difusão das manifestações da cultura genuína existentes em Felipe Camarão, um dos bairros mais pobres de Natal.

Pode-se dizer que é mérito do Conexão Felipe Camarão, projeto desenvolvido pela organização não-governamental Companhia TerrAmar, através do Núcleo de Cultura, que o bairro de Felipe Camarão tem conseguido mudar o foco de suas atenções, principalmente no que diz respeito à mídia. Dos cadernos de Polícia aos coloridos das páginas de Cultura, seu nome tem se destacado na imprensa local e nacional, graças à representação máxima da cultura viva do Auto do Boi de Reis do Mestre Manoel Marinheiro, da música de Mestre Cícero da Rabeca e das encenações do teatro de bonecos de João Redondo.

Mas, de acordo com Vera San-

tana, coordenadora do projeto, o propósito das ações desenvolvidas pelo Projeto Conexão Felipe Camarão vão além da simples preservação dos Mestres daquela comunidade. Os trabalhos têm como base a música originária do Brasil, ou seja, a música que vem dos povos que formaram o Rio Grande do Norte e dos tantos outros que formaram o Brasil, trazendo suas culturas e seus rituais. "Por ter um caráter forte, queremos que essa música tenha um reconhecimento da sociedade como importante para a formação histórica do Rio Grande do Norte e do Brasil", disse.

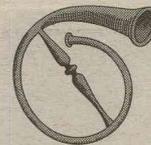
Segundo Vera, que é graduada em Estudos Sociais e História pela UFRN e Mestre em História pela UFRJ, a preservação e expansão das tradições e saberes populares tornam-se imprescindíveis para a construção da identidade brasileira nesse universo de culturas. "É preciso que o sistema educacio-

nal verifique isso. Essa cultura precisa estar inserida nos currículos das escolas de Ensino Fundamental, nas escolas de Ensino Médio e que também esteja presente nas universidades".

Na opinião de Vera, não haveria a necessidade da presença do projeto em Felipe Camarão caso o sistema educacional fosse satisfatório e com uma atuação em tempo integral, quando poderiam proporcionar o ensinamento das culturas locais em seus currículos pedagógicos.

"Uma educação sem a presença do lúdico é muito formal, não possibilita o crescimento interno. Então, estamos lá para complementar esta lacuna que existe. E a música possibilita justamente esse crescimento porque ela mexe com a afetividade dos meninos e meninas, e eles passam a criar, a aprender, a expressar o sentimento. Isso possibilita uma troca, o crescimento e a autovalorização", acredita.

A música como instrumento de transformação social



O Projeto Conexão Felipe

Camarão integra, hoje, cerca de 400 crianças, adolescentes e jovens de três a 24 anos, moradores do bairro, que participam das diversas oficinas oferecidas. A música, no entanto, está presente em todas elas. "A música que eles fazem é única no mundo"; frisou Vera Santana.

O método utilizado pelo Projeto Conexão Felipe Camarão é fundamentado nas tradições musicais e refletem a diversidade cultural, estética e artística do nordeste brasileiro que não se encontram inseridas nas instituições de ensino dos diversos níveis do Rio Grande do Norte.

Segundo a coordenadora, isso significa dizer que a importância do projeto perpassa as barreiras do simples aprendizado. "O menino que está inserido neste projeto tem possibilidades de transformar a sua vida. Primeiro a auto-estima, o entendimento de que ele é possível como ser humano. Segundo, ele tem a possibilidade de estar em contato com o lúdico", explicou.

Na concepção musical do projeto, busca-se integrar as peças musicais do Auto do Boi de Reis e da capoeira, cujas bases sonoras são transformadas nos exercícios iniciais para as oficinas de musicalização. Essa estratégia permite que já nos primeiros exercícios os alunos vivenciem a percepção das melodias e já se sintam "fazendo esta tradição oral", fato que ocorre principalmente pela vivência cotidiana dessas melodias, percebidas pelo grupo, seja pelos exercícios das oficinas, seja pelo contato com a tradição musical do bairro.

As oficinas de música (flauta e rabeça) favorecem o desenvolvimento da concentração, da sensibilidade criativa, da perseverança, da disciplina, do gosto pela música, pela cultura e artes, que ajuda na ampliação da visão de mundo e entendimento da importância que tem a cultura local para os meninos(as) do bairro e inserção de um novo entendimento sobre comercialização e mídia musical no Brasil.

As oficinas do Boi de Reis e capoeira preservam e enfatizam o trabalho coletivo, o aprendizado da convivência em grupo, um melhor conhecimento de sua corporeidade, o estabelecimento de relações de solidariedade e cuidado, a disciplina, a concentração, a musicalidade.

Já a oficina de Lutheria de Rabeça valoriza a riqueza e complexidade do trabalho artesanal, desenvolve habilidades manuais específicas e ainda se constitui como uma alternativa de geração de renda. Além disso, desperta a sensibilidade musical e resgata uma tradição secular de construção desse instrumento popular que marca tão fortemente a história nordestina e daquele bairro.

O Projeto Conexão Felipe Camarão está presente no bairro com ações desenvolvidas em quatro núcleos, entre eles na sede, onde estão inseridos o Ponto de Cultura e a Lutheria de Rabeça, na casa do Mestre Manoel Marinheiro, onde acontece a oficina do Boi de Reis Mirim, na Escola Estadual Clara Camarão, onde ocorrem as demais oficinas, e no Largo da Cruz da Cabocla, hoje conhecido como Terreiro Mestre Manoel Marinheiro. "Há poucos dias, realizamos um evento na Escola Estadual Maria Luiza, reunindo todas as oficinas e marcando a parceria com mais uma escola do bairro", disse Vera.





MAIS APOIO, MAIS ABRANGÊNCIA

Tantas parcerias podem levar à idéia de que o projeto esteja desenvolvendo tudo o que almeja. Engana-se quem pensa assim. Ainda falta muito para que todas os projetos saiam do papel e passem a envolver mais e mais pessoas da comunidade de Felipe Camarão, em especial as famílias dos jovens que já participam do projeto.

Segundo Vera, a meta do Conexão é fazer com que o bairro seja um pólo de desenvolvimento sustentável, e o primeiro passo para isso é transformar riqueza cultural em riqueza econômica. "E isso é possível, desde que haja ações conjuntas, principalmente com as que já acontecem em Felipe Camarão", ressaltou.

Vera explica que o projeto necessita de parcerias com o governo e empresas locais que invistam socialmente. "Nós ainda estamos precisando disso para avançar. Essa parceria é fundamental para o desenvolvimento sustentável bairro, e isso não se dará por meio de uma ação isolada".

Até o momento, a única atividade que está encaminhando para o mercado é a lutheria de rabeca, cujo objetivo é renda. "Nós precisamos de mais condições, mais patrocínio, recursos para fazer uma carga horária mais permanente. É preciso mais tempo e mais estudo para que esses meninos comecem a entrar no mercado. Por enquanto, eles estão em fase de aprendizagem".

Vera ainda destacou o desejo do projeto em incluir as famílias. "Nós temos um projeto de geração de renda para elas. No bairro, o trabalho informal é o que funcional, e é isso que precisamos modificar".



O Projeto Conexão Felipe Camarão tem apenas três anos de atuação, mas já conta com patrocinadores e apoiadores de peso, fundamentais para que os trabalhos sejam continuados. Seu principal parceiro é a Petrobras. Em 2003, o Conexão Felipe Camarão foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural com o projeto Canta Meu Boi, registro fonográfico do Auto do Boi de Reis do Mestre Manoel Marinheiro.

Em função de seus excelentes resultados, o projeto foi convidado a ter seu patrocínio renovado em 2005, e agora, em 2006, veio o convite para que o projeto integrasse o Programa Cultural novamente. De acordo com Eliane Costa, Gerente de Patrocínio da Petrobras, o Conexão é um projeto simples, mas tocado com grande entusiasmo e de grande impacto sócio-cultural em sua região.

"É muito importante valorizar e registrar o riquíssimo patrimônio imaterial brasileiro, em todas as regiões do país, uma vez que essas manifestações são acervos vivos da cultura brasileira. Seu registro permite que as atuais e futuras gerações possam relacionar com esses acervos", ressaltou.

O Conexão Felipe Camarão também é um Ponto de Cultura. Em par-

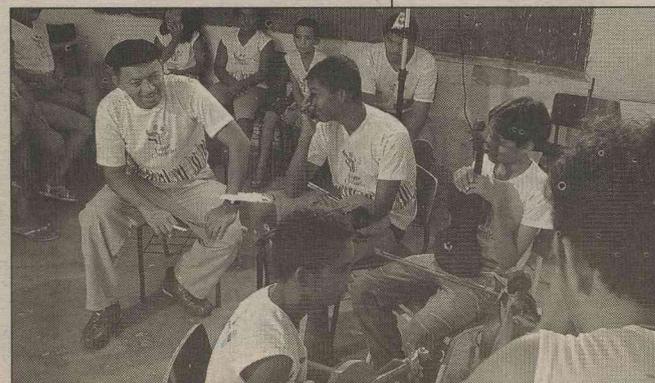
ceria com o Ministério da Cultura, por meio do Programa Cultura Viva, o bairro de Felipe Camarão dispõe agora de mais um instrumento de fortalecimento de sua cultura. "As oportunidades e benefícios do Ponto de Cultura irá potencializar a existência e perpetuação de cultura genuína, rica, viva de Felipe Camarão, que precisa ser conhecida mundo afora", frisou Vera Santana.

O Ministério da Educação também faz parte da rede de parceria do Conexão. Sua atuação se traduz por meio de uma capacitação continuada com os professores atuantes no projeto. Por último, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) foi o grande responsável por realizar todo um mapeamento cultural do bairro.

Recentemente, mais uma parceria foi firmada, agora dando ao projeto uma excelente oportunidade de somar e crescer. O cantor e compositor Jorge Mautner, ícone do cenário nacional, é agora Consultor Musical e Poético do Conexão. Segundo ele, a importância do projeto alcança vários níveis, e um dos principais é valorizar a cultura popular no sentido que ela se transforme em cultura universal, e, dessa forma, mudar uma realidade através da arte. "E isso é importante

para o Brasil. É a cultura da beleza levando à cultura do pensar, do estudar, do conscientizar. Este projeto está sendo pensado e idealizado de maneira inédita", enfatizou.

Para o próximo ano, as principais metas do Projeto são ampliar a preservação do Boi de Reis como elemento sustentável para o bairro de Felipe Camarão, avançar na qualidade musical desenvolvida pelas oficinas de música, no tocante à técnica e também no entendimento de todo o legado musical brasileiro, bem como incentivar o aperfeiçoamento técnico dos adolescentes que trabalham com a lutheria de rabeca, o que permitirá o aumento da produção e o lançamento deste produto no mercado.



MAGDAEL SILVA

15 anos

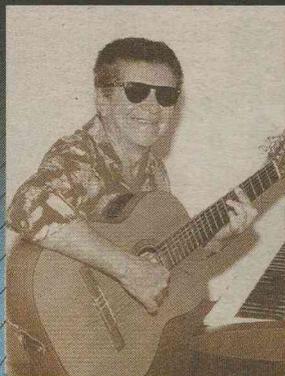
"Estou há dois meses no projeto, e participo na oficina de Lutheria de Rabeca. Antes do projeto, eu poderia estar neste momento na rua, fazendo qualquer coisa, mas agora estou ocupado e aprendendo novas experiências que serão úteis no meu futuro. Para o bairro, o projeto está sendo maravilhoso, ocupando os jovens com atividades de aprendizagem, em troca da opção pela criminalidade, além de que aproxima à cultura. Eu, por exemplo, sabia muito por alto quem era Manoel Marinheiro e não conhecia Seu Cícero da Rabeca. Além disso, eu não sabia que a gente era capaz de construir rabeca, achava que só as grandes fábricas conseguissem".

FRANCILENE RIBEIRO

18 anos

"Estou desde o início no projeto e sempre participei da Lutheria de Rabeca. É um projeto que descobri e que fez uma grande diferença na minha vida. Sempre fui de buscar os meus sonhos. Quem mora em Felipe Camarão sabe que o bairro é discriminado, então, a partir do momento em que surge uma oportunidade como essa, é como se estivéssemos ganhando um presente. Antes desse projeto, nem passava pela minha cabeça que aqui existia uma cultura própria. Nem sequer conhecia o Boi de Reis".

ATRAVÉS DESTES, HOMENAGEAMOS A TODOS QUE FIZERAM E FAZEM A MÚSICA POTIGUAR



PAULO TITO
CANTOR E COMPOSITOR



ELINO JULIÃO
CANTOR E COMPOSITOR



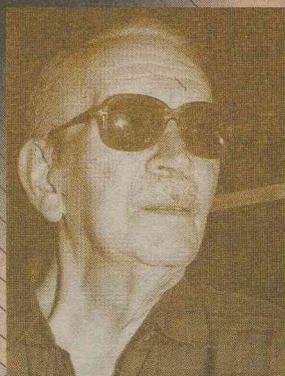
TONHECA DANTAS
COMPOSITOR E PIANISTA



GLORINHA OLIVEIRA
CANTORA



ADEMILDE FONSECA
CANTORA



ORIANO DE ALMEIDA
COMPOSITOR E PIANISTA



WALDEMAR DE ALMEIDA
MAESTRO



ALDO PARISOT
VIOLONCELISTA